

— CADA NUMERO CONTÉM UMA OBRA COMPLETA —

• A NOVELLA POPULAR •

N.º 118



Aventuras extraordinarias dum policia secreta

O MASTIM DE SOHO



EDITOR E PROPRIETARIO, F. A. MIRANDA SODRÁ
COMPRIMPA EM PLUSITANA EDITORA
C. DO FERREIRA, 23, PERTENCENTE A OLYMPIA

PREÇO
60
REIS

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
DA NOVELLA POPULAR
C. DO FERREIRA, 23, LISBOA

Encyclopedia Popular

Collecção de obras de vulgarisação

● científica ao alcance de todos ●

Vulgarisar todos os conhecimentos humanos em pequenas obras, de maneira a desenvolver nos menos instruídos o gosto pelos estudos científicos, tão necessários para a educação do povo, eis o fim a que visa esta primorosa collecção, que encerrará verdadeiras obras primas, de vidas ao talento dos maiores escriptores mundiaes.

Está publicado o primeiro volume:

Como pode acabar o mundo

Segundo a sciencia e segundo a religião ✓

por C. de KIRWAN

Livro de sciencia popularisada, a obra que inicia a série da *Encyclopedia Popular*, tem obtido no estrangeiro o mais colossal dos exitos.

No prelo:

Atrevz do Espaço, por Camillo Flammarion
Os Mundos desaparecidos, por Zaborowsky
As Estrellas e os cometas, por Secchi
O Panorama dos Seculos, por J. Weber
A Intelligencia e o cerebro, por G. M. Risse
Magnetismo e Espiritismo, por G. Danville
O Alcoolismo e os seus estragos, por Serieux e Mathieu
A Fisiologia de Espirito, por Paulhan, etc. etc.

100 rs.

CADA VOLUME BROCHADO E
=NITIDAMENTE IMPRESSO=

rs. 100

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até á actualidade

Acham-se publicados tres volumes

I Obscenidades primitivas—A Prostituição na Antiga Grecia	300
II Impudicicias de Roma Primitiva—Devassidão dos Romanos	300
III Desmoralisação Franceza—Tempos modernos..	300
No prelo:	
IV (e ultimo volume) Tempos modernos.....	300

Um romance completo por

200

OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

● REIS ●

==CADA VOLUME CONTEME==

== 14:00 LINHAS ==

DE LEITURA EMPOLGANTE

Volumes publicados:

O homem das multidões, de *Pierre Zuccone*.
O casamento d'um forçado, de *A. Bouvier*.
A apostia maldita, por *Jules de Gastyne*.
Os Facas d'Oiro, por *Paulo Féval*.
As filhas do povo, por *Alexis Bouvier*.

No prelo:

A EXPIAÇÃO

◆ Sensacional romance de JULIO MARY ◆

Estes romances, seleccionados com escrupulosa attenção, comporão uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

200

OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

● REIS ● um bom romance completo

100 maneiras de nos

defendermos na rua

COM ARMAS

200 Rs. 1 volume de 160 paginas, profusamente

ilustrado, impresso em magnifico papel

Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctores

◆ ◆ ◆ Edições lujosissimas ◆ ◆ ◆

com bellas e numerosas gravuras intercaladas

◆ ◆ ◆ no texto ◆ ◆ ◆

A *Modern-Bibliotheca* é constituida por edicoes lujosas e artisticas; e insere as obras primas dos melhores escriptores modernos.

Volumes publicados:

I—Ditosa Iar, por *Marcel Prévost*
II—Aphrodite, por *Pierre Louys*
III—Prima Laura, por *Marcel Prévost*

500 Rs.

Preço de cada volume
brochado

Rs. 500

ACD

823.91

D598.99

P47

v. 5 no. 118

O mastim de Soho

CAPITULO I

Uma reunião sensacional

—Está lá? E' o senhor Holmes? Aqui falla o inspector Birds. Ouça, senhor Holmes, quer assistir a um espectáculo sensacional? Sim? Nos gabinetes do nosso chefe, sir Rowland, ha esta tarde uma representação extraordinaria, para a qual tenho ordem especial de o convidar. — Como? — Ha quanto tempo é que passou a haver comedia em Scotland Yard? — Não faça troça, olhe que vale a pena. — Como? — O que é? — Eu proprio não sei, mas julgo que se relaciona com o nosso officio.

«Vem, não é verdade? Bem. — Como? Certamente, pode trazer o senhor Taxon com o senhor; já lhe disse que se trata d'um divertimento, se bem que eu não comprehenda como é que sir Rowland decidiu agora fornecer distracções aos seus empregados. — O que diz? Se tambem ha bufete? Naturalmente.

«Bem, até logo.

Desligou, pondo o auscultador no descanso, e voltando-se para um empregado de Scotland Yard, que se achava a seu lado, continuou:

—Que demonio de phantasia teve o nosso velhote? Todos os collegas com quem tenho fallado esta manhã, me dizem que receberam tal qual a mesma ordem que você e eu.

«Não suppõe, meu caro Forster, o que o nosso chefe nos póde querer?

O outro reflectiu um momento e retorquiu:

—Ora! Que ha-de ser? E' para nos dar a decompostura do costume. Ha muito tempo já que nós não fazemos nada que agrade ao velhote, como você muito bem sabe, de forma que, quando recebi hoje ordem para estar esta tarde no gabinete grande do chefe, e quando Field, O'Donnel, Monces e os outros me communicaram que tinham recebido ordem igual, calculei logo que vae haver trovada.

«O que vale é que as decomposturas do patrão, apesar da sua rudeza, não levam muito tempo!...

Os dois interlocutores que, como já se percebeu, eram agentes da policia secreta de Londres, que tem o seu quartel general em Scotland Yard, subiram a escada que conduz ao gabinete do inspector geral, sir Rowland, a toda a pressa, pois iam com atrazo e o chefe, que gostava de pontualidade, recebia com a maxima brutalidade quem chegava depois da hora marcada.

Os dois homens ficaram espantados, ao vêrem a ante-camara completamente cheia de gente, pois quasi todo o pessoal de Scotland Yard se achava ali reunido,

Em todos os rostos se lia grande curiosidade, porque era rarissimo que o chefe convocasse todos os seus homens conjunctamente.

Essa curiosidade augmentou ainda quando a porta se abriu e entrou o celebre e de todos bem conhecido Sherlock Holmes, acompanhado do seu ajudante, Harry Taxon.

Quasi no mesmo momento, abriu-se a porta do gabinete de trabalho do chefe e todos os presentes penetraram no vasto aposento, bastante desprovido de mobilia. As paredes eram tapadas até ao tecto por prateleiras; uma secretária, com duas cadeiras, formavam toda a mobilia.

No meio da casa estava sir Rowland, de pé, tendo a seu lado um homem novo, que nenhum dos agentes conhecia.

Cumprimentando os seus subordinados com um ligeiro movimento de cabeça e Sherlock Holmes com um aperto de mão, o chefe começou:

—Convidei os senhores a reunirem-se aqui, porque tenho uma bella surpresa a fazer-lhes. O senhor Dringsdaale, que veem a meu lado, explicar-lhes-ha o resto e espero que me agradecerão proporcionar-lhes um espectáculo que deve interessá-los e do qual podem tirar algum ensinamento, isto no caso do senhor Dringsdaale não ter exagerado as suas promessas.

«Este senhor veio hontem visitar-me, affiançando-me que a sua collega, uma joven artista, é capaz de se libertar sem auxilio extranho, das algemas mais solidas ou de qualquer corda ou corrente com que a amarrem.

«O senhor Dringsdaale pediu-me para permitir a essa senhora que exhibisse deante de mim a sua arte e como eu julguei que uma tal exhibição tambem havia de os interessar, decidi organisar este pequeno espectáculo a que vão assistir.

—Voltando-se para Sherlock Holmes, continuou:

—Quanto ao senhor, suppoz que teria tambem interesse em assistir e tomei a liberdade de o convidar.

—Convite pelo qual lhe estou muito agradecido, retorquiu Holmes, mas sir Rowland interrompeu-o:

—Nós é que lhe somos de tal forma obrigados, que nem sei como poderemos pagar-lhe a nossa divida de gratidão.

O chefe sentou-se e o homem que elle acabara de apresentar e que vestia com todos os requintes da moda, começou:

—Pouco mais tenho a acrescentar ás palavras do senhor inspector geral. Miss Velperpoole, a minha companheira, ha-de deixar-se algemar pelos senhores, estando vestida de forma que lhe será impossivel esconder qualquer ferramenta, por pequena que seja. Miss Velperpoole trabalhará com um fato de malha. Além d'isso, a artista far-se-ha revistar primeiro pela pessoa de confiança que os senhores teem, certamente, e que costuma apalpar os presos do sexo feminino, dando as-

sim a prova segura de que lhe é, realmente, impossivel esconder qualquer utensilio. Quanto á qualidade das prisões, não ha restricção nenhuma e, pelo contrario, peço aos presentes que não tenham consideração alguma e que a amarram o mais fortemente que lhes seja possivel, sem que fique probabilidade alguma de poder libertar-se. Accedendo aos meus pedidos, o senhor inspector teve a amabilidade de mandar buscar, além das algemas vulgares, os mais antigos e variados modelos existentes no muzeu criminal, assim como uma camisa de forças, podendo os senhores empregar qualquer d'esses objectos, á escolha.

«Quanto ao trabalho de miss Velperpoole, acrescentarei ainda que essa senhora fará as suas experiencias aqui, nesta sala, mas devem achar natural que queira guardar o segredo da sua maneira de libertar-se.

«Para esse fim, trouxe dois lençoes, que peço aos senhores que examinem com attenção.

Em seguida a estas palavras, o empresario da artista, que continuava occulta, entregou aos policiaes dois lençoes, que foram rapidamente examinados, depois do que voltaram para as mãos do companheiro da artista.

Um dos lençoes foi estendido no chão e as quatro pontas pregadas com percevejos.

—Peço para cobrirem a artista com o segundo lençol, depois d'ella se ter deitado sobre o primeiro, já amarrada.

«Quatro dos senhores terão a amabilidade de pegar nas pontas do panno, conservando o estendido. Espero da sua lealdade, porém, que não tentarão vêr o que se passa debaixo do lençol, nem o levantarão antes da artista dar o signal de que podem fazê-lo. E' a unica condição que apresentamos.

«Para que não haja a suspeita de que eu possa auxiliar de qualquer forma a minha companheira, afastar-me-hei para bem longe.

Fazendo um cumprimento e curvando-se á maneira dos artistas de circo, o empresario afastou-se para um quarto ao lado.

Sir Rowland dirigiu-se para Holmes, dizendo:

—Então, senhor Holmes, que me diz? Não quer experimentar pôr suas mãos, algemar a tal senhora?

—Agradeço, sir Rowland; prefiro ser um mero espectador.

O inspector geral olhou o grande policia e pareceu querer dirigir-lhe uma pergunta. Calou-se, porém, dirigindo-se a um dos policiaes.

—Inspector Bruce, o senhor tem fama de saber algemar presos como ninguém.

«Tem agora occasião de nos mostrar a sua habilitade.

«Ponha a essa senhora as algemas usadas para os criminosos perigosos e aperte-as sem piedade, de forma

que seja impossível tirar os mãos, e verá que se acaba logo o espectáculo, fazendo a dama um fiasco.

—A's suas ordens, senhor inspector geral.

«Tambem me parece que a dama nada conseguirá. Quando eu fecho bem as algemas, mesmo o peor patife começa a gemer e a pedir perdão em poucos minutos. Essa senhora pôde ter mãosinhas de creança e até mesmo pulsos de borracha, nem por isso conseguirá libertar-se.

O velho sargento interrompeu-se, pois a porta abriu-se n'esse momento e entraram duas mulheres.

A mais velha perfilou-se e annunciou:

—Examinei esta senhora, estando ella nua e garantu que não tem nada escondido no *maillot* que vestiu na minha presença.

Em seguida, a outra mulher despiu a grande capa de theatro que a envolvia e um ah! de admiração saiu de todas as boccas.

Era realmente encantadora.

Miss Velperpoole era uma mulher divina, vestindo uma malha de seda vermelha, que lhe modelava as fórmas. Ao notar a grande impressão que fizera nos assistentes, os seus labios entreabriram-se levemente e da lindissima boca saíram as seguintes palavras, ditas com voz dulcissima e muito semelhante á do seu empregario:

—Estou ás ordens dos senhores e acrescentarei algumas palavras ao que disse o meu empregario.

«Creio que será inútil declarar-lhes que não vim aqui apenas com o fim de lhes apresentar as minhas habilidades, que consegui pelo meu unico esforço.

«Não sou tão pouco egoista. Tenho um contracto para o Palacio de Crystal e esta minha apresentação servir-ha de reclamo.

«O meu empregario deve ter-lhe communicado como devem proceder e podemos começar. Não faço recommendações especiaes, pois sei que estou tratando *gentleman*.

O inspector Bruce pegou n'umas algemas d'um feitiço especial e aproximou-se.

—Miss Velperpoole, quer ter a bondade de cruzar as mãos? Estas algemas devem ser postas collocando as mãos atraz das costas, mas não é preciso levarmos as coisas aos extremos.

—Perdão, senhor, eu não peço para facilitarem a minha tarefa nem necessario d'isso. Não quero que digam depois que me libertei porque as algemas não estavam postas como devia ser.

«Pego-lhe portanto, que esqueça que está tratando com uma senhora e que supponha que trata com um criminoso da peor especie. Deve collocar-me as algemas da melhor maneira que souber.

«Tomem isto como uma aposta e não tenham considerações commigo, porque não as peço.

O sargento Bruce fez ouvir um rugido. Um tal

atrevemento parecia-lhe inconcebivel e os seus agentes, que o conheciam perfeitamente, não queriam estar na pele da linda rapariga. As algemas foram postas com rapidez e a artista deitou-se graciosamente, tanto quanto lh'o permitiam os braços presos atraz das costas, sobre o lençol estendido no chão.

—Façam favor de me tapar com o outro lençol, conservando-o bem esticado pelas quatro pontas.

Assim se fez e os policias ficaram esperando os acontecimentos; viam o sorriso de homem seguro da victoria, que fazia o sargento e estavam certos que, dentro de poucos minutos, ouviriam a voz lamentosa da rapariga, pedindo que a libertassem das algemas. Todos conheciam aquelles ferros e todos tinham visto de que forma brutal tinham sido apertados, de maneira que não julgavam possivel á artista libertar-se.

Quantos criminosos celebres, a quem não assustava um bocado de pelle ou de carne a menos, tinham tentado arrancar aquellas malditas algemas, mas sempre debalde!

Um minuto passou.

Os policias esperavam a cada momento ouvir a supplica da artista, pedindo que a libertassem ou, pelo menos perceber os esforços inúteis que faria por libertar-se, revelados por alguns estremeções sob o lençol.

Nada d'isso, porém, succedia. A joven artista pareceu sentir-se o melhor possivel e não se pecebia um unico movimento.

O segundo minuto ia passar-se quando se ouviu uma voz:

—Prompto! Levantem o lençol.

Os policias assim fizeram e foi enorme o seu espanto. Não acriditavam o que viam.

Miss Velperpoole tinha-se levantado e entregou a Sherlock Holmes as algemas abertas. Ambas as fechaduras estavam abertas, não que tivessem sido arrombadas ou rebentadas, mas abertas, simplesmente, como se o tivessem sido com a chave que lhes pertencia.

O espanto de todos os presentes era bem explicavel e o proprio chefe avançou pedindo para ver as algemas.

—Então, senhor Holmes, que diz a isto?

Em vez d'uma resposta, o celebre policia metteu a mão no bolso e extrahiu de lá uma fina corrente, assim como um pequeno cadeado, sem grand apparencia.

Voltando para a artista, o grande criminalista perguntou:

—Permitte-me miss Velperpoole, que lhe prenda os pulsos com esta pequena corrente?

Estendendo ambas as mãos, a rapariga respondeu com toda a amabilidade:

—Pois não, senhor eis os meus pulsos. Pego-lhe que experimente a sua habilidade.

Com uma rapidez que só dá a muita experiencia, Sherlock Holmes envolveu-lhe as mãos e os pulsos com a corrente, prendendo as duas pontas ao cadeado.

Depois de assim amarrada, a artista não voltou a deitar-se no chão. Sentou-se n'uma cadeira e pediu que a cobrissem com o lençol, o que fizeram immediatamente.

A anciedade era geral. Consequencia libertar-se tambem da prisão feita por Sherlock Holmes?

O policia disse algumas palavras ao ouvido de Harry Taxon, acenando este afirmativamente.

Não tinha decorrido ainda um minuto e já a gentil rapariga se tinha levantado, afastando o lençol.

—Como vêem, meus senhores, estou livre outra vez.

Dizendo isto, entregou a Holmes a corrente, com o cadeado aberto e não arrombado.

O policia felicitou a artista e, como depois d'estas duas experiencias concludentes ninguem mais mostrava vontade de a algemar, para não ser derrotado, a representação acabou.

A rapariga sahio do gabinete e, poucos minutos, depois, o empregazinho, senhor Dringsdaale, tornou a entrar, pedindo um documento comprovativo do que se passára, que lhe foi concedido com facilidade, em segunda parti.

O chefe despediu os seus subordinados com um gesto e, quando Sherlock Holmes ia tambem a sahir, sir Rowland deteve-o.

—Pego-lhe, senhor Holmes, quer conceder-me ainda um minuto?

—Estou ás suas ordens.

Todos os policiaes e empregados se tinham affastado; Sherlock Holmes e sir Rowland ficaram sós.

—Então senhor Holmes, que pensa de tudo isto? Confesso-lhe que o que vi me fez uma grande impressão. De que maneira e com que auxilio poudes a joven e linda rapariga libertar-se, sem quebrar d'ambas as vezes, os fechos? Nas nossas algemas ha um fecho, que nem mesmo o melhor gatuão da especialidade consegue abrir, mesmo quando tem as mãos livres e se lhe dão a algemas para experimentar.

O seu cadeado tambem não é, com certeza, nenhuma brincadeira de creanças, não é verdade?

—O meu cadeado é uma maravilha da mechanica e eu estou, como todos em face de um enigma. Os agentes não deviam perder esta senhora de vista, pois se cahe em boas mãos ou, melhor, em más mãos, pode tornar-se uma verdadeira calamidade. Ella dispõe d'um meio qualquer, até agora desconhecido mas ao qual não resiste nenhuma fechadura ou cadeado, por mais engenhosos que sejam.

—Hum! senhor Holmes, parece-me que tem razão e vou dar ordem para vigiarem estas duas pessoas.

—A quaes duas pessoas se refere, sir Rowland?

—A quaes? Se esta rapariga pôde ser perigosa e deve ser vigiada, parece-me que não devemos desprezar o joven e elegante empregazinho.

No rosto de Sherlock Holmes desenhava-se um sorriso.

—Basta que mande seguir apenas uma das duas pessoas, para que a outra esteja segura.

Sir Rowland olhou com espanto o celebre policia.

—Que quer dizer senhor Holmes?

—E' bem simples. Se esta rapariga fôr vigiada, tambem o empregazinho é vigiado, porque miss Velpoole e o senhor Dringsdaale são, na realidade, uma e a mesma pessoa.

Mesmo o maior lisonjeiro d'este mundo não poderia deixar de chamar cara de parvo á que fazia o sr. Rowland n'este momento.

Passaram alguns momentos, antes que o inspector voltasse a si da surpresa.

—O Senhor diz...

—Que a joven artista tanto pode ganhar dinheiro n'um palco de variedades como mulher que ninguem consegue algemar, como fazendo papeis de transformista, isto no caso de não preferir servir-se das duas habilidades parah prejudicar o proximo.

O proprio Sherlock Holmes não suspeitava, n'este momento, quão verdade inconscientemente havia nas suas palavras.

Aquella rapariga tão bella e os seus cumplices ainda haviam de dar ao policia graves problemas para resolver.

Sherlock Holmes, que raramente tinha que lidar com um criminoso cujo cerebro fosse igual ou superior ao seu, ia ter na joven artista, pela primeira vez, um digno adversario, que não tinha menos astucia e intelligencia que o policia e que o equalava em coragem e temeridade.

Ouviu-se tocar o telephone collocado sobre a mesa do inspector e Sherlock Holmes disse naturalmente.

—Ahi! Vamos saber informações por intermedio Harry de Taxon.

Sir Rowland tinha já lançado a mão ao auscultado, mas ao ouvir estas palavras voltou-se para o grande policia.

—O senhor julga que é o seu ajudante que está ao telephone, senhor Holmes?

—Muito me admiraria se assim não fôsse.

«Ordenei-lhe que seguisse a artista quando ella abandonasse Scotland Yard e Harry, apezar de muito novo, é de absoluta confiança.

—Duvidar disso...

A campanha voltou a tocar imperiosamente sir Rowland passou a Sherlock Holmes dizendo com um sorriso:

—O seu ajudante não parece ter muita paciencia, Segundos depois, os dois sabiam por Harry que,

effectivamente, só Dringsdaale, saíra de Scotland Yard e que nenhuma senhora se achava na sua companhia.

—O empregario foi para o theatro e acha-se no escriptorio do director. Quer que continue a seguil-o?

Harry recebeu ordens n'esse sentido e Sherlock Holmes despediu-se do chefe.

CAPITULO II

O edificio da policia assaltado

O mundo commercial de Londres assim como o de todo o reino, estavam ha mezes debaixo d'uma extraordinaria impressão.

Corriam notas falsas do Banco de Inglaterra, de tal forma bem imitadas que era impossivel distinguilas das verdadeiras.

Em Inglaterra, a terra das notas e dos cheques, um tal facto tornava-se immediatamente uma calamidade e os commerciantes viam-se em pessima situação, porque ou corriam o perigo de terem um grande prejuizo accetando uma nota falsa dada em pagamento por um freguez, ou perdiam um freguez ou fregueza que se offendiam ao vêrem examinar com desconfiança uma nota dada por elles, o que, com a grande concorrência, significava egualmente um prejuizo.

Os proprios empregados de repartições publicas, como correios, caminhos de ferro e impostos não estavam seguros de encontrarem d'essas notas falsas ao darem balanço á caixa, pois por mais attenção que houvesse, de nada servia, visto que aos proprios empregados e caixas dos bancos de Londres succedia o mesmo.

O peor, porém, era o facto das taes notas, maravilhosamente imitadas, terem feito uma verdadeira invasão, pois eram ás centenas.

Os agentes de Scotland Yard trabalhavam dia e noite. Havia policia, adestrados especialmente em distinguir as notas authenticas das falsas, junto das caixas dos bancos, dos grandes armazens e das casas commerciaes mais importantes.

Faziam-se innumeradas prisões, pois os agentes capturavam todas as pessoas que trocavam notas e que se tornavam suspeitas, de maneira que o resultado de tantas prisões foi o que não podia deixar de ser: um escandalo enorme.

O inglez ama sobre tudo a liberdade individual. Se um simples burguez, depois de ter sido preso por um agente da policia secreta, só pelo simples facto de trocar innocentemente uma nota que acabara de receber n'outra loja, logo que se via em liberdade, cor-

ria á redacção d'um jornal, onde um redactor aproveitava a occasião para escrever um artigo terrivel sobre a deficiencia e desorientação dos serviços policiaes, muito maior era o escandalo quando o preso era, como succedeu frequentes vezes, um membro da alta sociedade.

Para os jornaes, os erros da policia eram uma optima occasião para dirigirem os seus ataques cerrados a «esses senhores» de Scotland Yard e ha muito tempo que a policia secreta não provocára uma campanha tão acirrada como d'esta vez.

Por mais pessoas que fossem presas, nem por isso havia meio de apanhar um unico falsificador e todas as pessoas que caíam nas mãos da policia tinham de ser postas em breve em liberdade, pois provavam facilmente onde tinham recebido as notas.

Para augmentar ainda mais o lado comico d'estas scenas, succedia com frequencia provar-se que as notas apreheedidas eram authenticas quanto possivel!

Emquanto os agentes continuavam a enganar-se, attrahindo sobre si a má vontade da população, os falsificadores continuavam socegradamente na sua tarefa, pois parecia saberem exactamente quaes as casas commerciaes vigiadas pela policia.

*

* *

Sherlock Holmes estava sentado no seu quarto, fumando o seu inseparavel cachimbo e quem visse o incomparavel policia tão descansado acreditaria facilmente que Londres estava livre, repentinamente, de todos os criminosos, assassinos, gatunos, patifes e falsificadores que a infestam.

A governante de Sherlock Holmes abriu a porta, depois de ter batido ligeiramente com os nós dos dedos sem mesmo esperar o sacramental «Entre!», e ficou no limiar, esperando que o patrão lhe dirigisse a palavra.

O celebre policia ou não dera pela presença da velha senhora ou quiz fazê-la esperar um pouco; o certo é que ficou na mesma immobildade como se não tivesse ouvido abrir a porta.

Quando a governante percebeu que o patrão não dava ou fingia não dar pela sua presença, deu um passo para diante e, empurrando a porta, fê-la fechar-se com estrondo.

Sherlock Holmes continuou immovel, como se os seus pensamentos o tivessem transportado para muito longe d'ali, e não notasse o que em sua volta se passava.

A boa mulher não supportou mais tal attitude, a que não estava habituada.

—Então, senhor, hoje não se come n'esta casa? Para mim é o mesmo, se o *roast beef* ficar de tal forma que não se possa tragar, mas sempre gosto de perguntar.

Sem tirar o cachimbo da bocca, Sherlock Holmes perguntou com indifferença:

—Harry já voltou?

—Como não o vejo no seu quarto, julgo que sua excellencia não se dignou ainda voltar para casa, retornou a velha governante, cujas narinas, pelo seu tremor, denunciavam que chegara ao extremo da irritação.

Sherlock Holmes pareceu nada mais ter a dizer, pois continuou chupando no cachimbo com uma constancia admiravel.

A paciencia da velha governante parecia ter chegado ao seu termo e quem sabe que catastrophes estariam iminentes, quando se ouviu a campainha da entrada e a porta se abriu, ouvindo-se subir a escada apressadamente.

Antes que a governante pudesse acrescentar alguma palavra, abriu-se a porta e Harry penetrou no aposento.

Sem esperar que o mestre o interrogasse, Harry disse excitadamente:

—Acabo de ser victima tambem d'esses malditos falsificadores!

—Então como conseguiste vêr-te livre tão depressa?

—Não telephonaram para cá, mestre?

«Eu não queria inquietá-lo e esperava vêr-me livre sem a sua intervenção.

«Offereci primeiro ao parvo que me agarrou pela gola do casaco um combate de box, mas elle não quiz acceitá-lo nem quiz ouvir explicações, e tive de ir até á esquadra onde, infelizmente, o chefe não era meu conhecido.

«Tive de entrar em largas explicações, primeiro que elle se convencesse que eu não pertencia ao bando dos falsificadores. Não sabia que elle tivesse telephonado para aqui.

—Mas quem te affirma que assim tenha sido?

Antes que Harry podesse responder, foi interrompido pela governante.

—Então o esertíssimo senhor Taxon caiu na esparrela e acceitou uma nota falsa? Tem graça! A mim, que sou velha e não vejo bem, não podia succeder um caso d'esses, pois sei para que tenho os olhos, mas o senhor Taxon, pudera!...

—Ora ouça lá, interrompeu Sherlock Holmes, ainda tem a nota que estava esta manhã em cima da mesa da cozinha?

—Então com que dinheiro havia eu de ter feito as compras? disse a governante para o patrão.

Sherlock Holmes deu um salto na cadeira, fingindo perfeitamente estar assustadissimo.

—A senhora poz em circulação aquella nota, a senhora, tendo affirmado ainda ha pouco, que sabe para que lhe servem os olhos?

Se o policia tinha tido a intenção de assustar a boa senhora, conseguiu o plenamente, pois foi com voz lamentosa, que contrastava extremamente com a sua arrogancia de ha pouco, que respondeu:

—Mas, por amor de Deus, senhor Holmes, eu não devia ter gasto aquelle dinheiro?

—Não, porque a nota era falsa e a senhora ainda aggravou a sua culpa declarando que distingue perfeitamente as notas falsas das verdadeiras.

A governante, ainda ha pouco tão triumphante, fazia agora uma cara tão desconsolada que Harry, que percebera a intenção do mestre, não poudo resistir e explodiu em gargalhadas. Só então a boa mulher percebeu que tinham estado a trogar d'ella.

Indignada, saiu do quarto, batendo com a porta. A refeição foi servida pela creada, e a governante não compareceu na sala de jantar, pois estava ainda amuada.

Quando acabaram de comer, Sherlock Holmes teve uma larga conversa com o ajudante, no decurso da qual recebeu ordens estranhas:

—Estou convidado para uma festa que se realisa esta noite em casa de lord Pembrinkboko e tu has de arranjar qualquer maneira de te introduzires no palacio. Aqui tens um plano da disposição interior do edificio, que eu consegui obter com muito custo do empregado do architecto que o construiu.

Afastando o prato, tirou uma planta da carteira e estendeu a sobre a mesa, explicando ao ajudante a disposição das salas e quartos.

—Por esta escada que dá para o patee e que vês nitidamente desenhada aqui, é que deves tentar entrar. Isto ser-te-ha relativamente facil pois os creados, que hão-de estar muito occupados nas salas da frente, não vão certamente á outra ala do edificio.

«Este quarto aqui, para o lado detraz, é o escriptorio do lord e é n'elle que está a secretária que te interessa.

«Experimentarás abri-la e examinarás minuciosamente tudo o que n'ella se encontrar. Ouve bem, Harry, e repara que só deves examinar, sem tirares nada, por mais compromettedor e importante que te pareça.

Os olhos do joven ajudante brilharam de alegria; tinha uma incumbencia difficil, e eram essas que mais lhe agradavam.

O mestre viu a impressão que as suas palavras tinham causado e advertiu-o:

—Nada de imprudencias, ouviste? Por enquanto tenho apenas uma leve suspeita, mas se esta suspeita se confirmar, a prisão que tu hoje, com a tua busca provocares, será a melhor satisfação que o teu amor proprio possa desejar. Sabes agora de que se trata e

creio que é inútil recommendar-te que uses de todas as tuas faculdades para seres bem succedido. Lembra-te que já muita coisa tem sido prejudicada por excesso de zelo.

*
*
*

A festa em casa de lord Macdonald Pembrinkboke tinha chegado á maxima animação. A ceia tinha acabado e os convidados estavam de pé, em grupos, ou sentados no luxuoso salão para onde se tinham retirado após a refeição.

Lord Macdonald Pembrinkbok era um homem ainda novo e, por um extranho encadeamento de circumstancias que tinham victimado successivamente os membros da familia Pembrinkboke nos ultimos annos, achára-se herdeiro do parialo.

O joven Macdonald descendia d'uma linha lateral, empobrecida, e ninguém pensára nunca na possibilidade de elle chegar á dignidade de lord, herdando as propriedades e a fortuna dos Pembrinkboke, pois lord Fitzgerald Pembrinkboke tivera dois filhos, ambos fortes e saudaveis, que pareciam destinados a perpetuarem o velho e nobre nome. O destino implacavel, porém, não o quizera assim.

Como era costume todos os annos, depois da estação d'inverno que o lord passára em Londres, tinham partido todos para o solar da familia e lord Fitzgerald convidára o sobrinho que chegára havia pouco da India, a passar o verão ou, pelo menos, parte d'elle no castello.

Macdonald acceptára pressuroso o convite do tio, que era um indício seguro de que lhe tinham sido perdoadas algumas tolices que fizera e que tinham sido causa da sua viagem á India.

O solar da familia estava situado no condado de Newcastle e era celebre pelas grandes batidas á rapôza que o lord organisava, vindo muitos convidados assistir ao *sport* predilecto da aristocracia ingleza. N'uma d'essas batidas, a primeira d'esse anno, é que a familia, até então tão feliz, soffreu o primeiro golpe.

Tinham partido todos a cavallo, indo o velho lord adeante. Os montheiros e picadores sopravam alegremente nas trompas de caça. Duas horas, porém, eram passadas, quando os caçadores voltavam ao castello, trazendo um morto sobre uma maca improvisada com ramos de arvores.

Era o cadaver do filho mais velho do lord, um homem de pouco mais de vinte annos, que assim vinha transportado.

Logo á partida, dera mostras d'uma excitação desusada e, á pergunta do lord, sobre as causas de tal irritação, o filho respondeu sorrindo:

—Ora, o que hade ser, papá? O Harras esteve

muitos dias sem sair e está folgado, mas eu já o metto na ordem.

Effectivamente montára o animal e conseguira socegá-lo, começando depois a perseguir a rapôza.

Pouco depois dava-se o desastre.

O cavallo teve que saltar um obstaculo que, n'otra occasião, teria transposto com a maxima facilidade. O cavalleiro indicou-lhe o obstaculo, o animal tentou o salto... e ouviu-se um grito horrivel, saído d'um peito humano, seguido d'um relincho de dor do cavallo que caíra, arrastando na queda o cavalleiro.

O primo da victima foi o curioso que chegou ao local do desastre, mas, coisa curiosa, occupou-se primeiro do cavallo e só depois se dirigiu ao cavalleiro.

Quando os restantes caçadores se approximaram, tiveram o desgosto de constatar que não se tratava d'um ferimento mais ou menos grave, mas d'um caso de morte.

A consequencia d'esta infelicidade foi uma congestão que accommetteu o velho lord, deixando-o quasi inutilisado.

A mãe do morto fallecia poucas semanas depois, não tendo resistido ao desgosto de perder o filho preferido.

Um anno passára e o lord tinha melhorado bastante, começando a cicatrizar a ferida que soffrera o seu coração de pae e de esposo, quando novo golpe veio feril-o.

Edmundo, o unico filho que lhe restava, foi encontrado morto no seu quarto uma manhã.

A mãe que pendia da cama denunciava claramente que o joven, que tão bello futuro possuia, puzera termo á existencia.

Fizeram-se as mais detalhadas investigações, no sentido de apurar o que podia tel-o levado a tal extremo, mas nada se poudo descobrir, de forma que a unica explicação plausivel foi a d'um momentaneo ataque de loucoura do infeliz.

Esta nova e irremediavel perda feriu profundamente o velho lord, que foi atacado de nova congestão.

Como o joven Macdonald, pela morte dos dois primos, fosse o unico herdeiro, lord Pembrinkboke fel o vir para junto de si, para conhecer mais intimamente o seu futuro herdeiro e para o iniciar na administração das suas propriedades.

O velho lord, em virtude do procedimento do sobrinho, receiava que as propriedades e o nome de Pembrinkboke cahissem em más mãos. Agora, porém, tinha de confessar que se enganára, pois Macdonald durante o tempo que esteve junto do tio, foi inexpressivel de carinho e de gratidão, alegrando os ultimos dias do velho.

Pouco tempo depois fallecia o lord, tão subitamente como os filhos e a esposa, victimado por nova

congestão e Macdonald ficou senhor dos bens e do título de lord Pembroke.

Depois da morte do tio viu-se bem que tinha sido d'uma grande hypocrisia, pois logo que se sentiu senhor da herança, nunca mais se notou nem gratidão nem mesmo respeito pelo nome herdado.

Pelo contrario. Tanto no castello de Pembroke como no palacio de Londres, levava a vida mais desregada que pôde imaginar-se e parecia até querer experimentar quanto tempo era necessario para gastar uma grande fortuna, tal era a loucura das suas despezas.

Para uma d'essas festas estava convidado Sherlock Holmes e o amigo do lord, que o convidára, ignorava que fôra o proprio policia que conseguira illudir o dono da casa, e que julgava, com aquelle convite, agradar ao amigo.

Lord Macdonald partia do principio que os amigos dos meus amigos, meus amigos são e pouco se importava saber quem entrava em sua casa. O principal era, para elle, que a sociedade que frequentava as suas festas fôsse sempre tão numerosa e tão alegre quanto possivel.

Depois da refeição, os homens ficaram em pequenos grupos, discutindo os casos do dia. E' claro que, como em toda a parte, a conversa pendeu em breve para o facto de correrem tantas notas falsas e um dandy que se achava no grupo do dono da casa, tirou uma nota falsa da carteira, lamentando-se:

—Tambem tive a desdita de receber uma das taes notas. Digam o que quizerem: o facto é que estão muito bem feitas. Prezo-me de ter os olhos abertos e não é esta a primeira nota que possuo, na minha vida, mas apesar d'isso conseguiram enganar-me.

—Não comprehendendo, senhores, como se podem aceitar essas notas falsas por authenticas, quando ha um meio extremamente facil para se reconhecer immediatamente a falsificação.

Todos os presentes se voltaram para quem assim fallava e que não era outro senão Sherlock Holmes.

A maior parte dos circumstantes não sabiam que era o celebre policia quem ali se achava, pois, como é frequente em apresentações, a quasi todos os presentes, incluindo o proprio dono da casa, tinha já esquecido o nome d'aquelle convidado.

Um dos homens que mais proximo se achavam já de certa idade, perguntou.

—Como senhor? Sabe um meio de distinguir as notas falsas das verdadeiras e ainda não o communicou ás auctoridades?

Com a costumada impassibilidade, Sherlock Holmes voltou-se para o seu interlocutor, retorquindo-lhe:

—E' claro que o fiz immediatamente após a minha descoberta. Infelizmente, só hoje inventei esse

meio. Aos senhores falsificadores ha de ser agora um bocadinho mais difficil pôr novas notas em circulação.

Todos ouviram com interesse as palavras do grande policia, pois talvez não houvesse entre todos um unico que não tivesse soffrido uma perda em virtude da recepção d'uma nota falsa. Foi o mesmo convidado de ha pouco que voltou a perguntar:

—Não poderiamos saber qual é esse meio empregado pelo senhor?

—Ora essa; porque não? A coisa é tão simples que é até para extranhar que não tenha sido descoberta ha mais tempo.

«Devem saber que o papel que o Banco de Inglaterra usa para o fabrico das suas notas é submettido a uma preparação especial.

«Se puzer a ponta d'uma nota a uma chamma, o papel só a muito custo começará a ennegrecer e a consumir-se, mas o que não conseguirá é fazer o arder com chamma.

«Se, porém, pegar n'uma nota falsa e a chegar a uma luz, arderá rapidamente, tornando-se logo em cinza.

Sherlock Holmes não continuou a sua explicação, pois o dono da casa dirigindo-se para o dandy que provocára a conversação e que segurava ainda na mão a nota, arrancou-lh'a e avançou para um dos candelabros collocados sobre o fogão, approximando-a da luz.

Tudo isto fôra feito com tal anciedade e precipitação, que ninguém sabia explicar o extraordinario interesse tomado pelo dono da casa.

Iam, porém, todos ter em breve a explicação do facto.

Lord Macdonald chegára a nota á luz e viram todos que ella começou a carbonisar-se, sem arder com chamma.

Com um olhar triumphante, o lord voltou-se e viu o olhar chamejante de Sherlock Holmes fitando o intensamente.

Percebeu immediatamente que caíra n'uma cilada e que este convidado, que não conhecia, era para elle um inimigo, um grande inimigo.

Se, por acaso, pudesse duvidar ainda, as palavras que o celebre policia pronunciou em seguida, dissipar-lhe-hiam as ultimas duvidas.

Approximando-se do lord e pondo-lhe a mão no hombro, Sherlock Holmes disse com voz clara:

—Lord Macdonald Pembroke, em nome da rainha, está preso! Eis a ordem de prisão, assignada por sua excellencia, o lord da justiça. Pego-lhe que não resista nem tente negar ou desculpar-se, porque tudo isso aggravaria a sua situação.

Nessa mesma noite, em seguida á prisão de lord Pembroke, encontraram-se no seu quarto de trabalho as provas irrecusaveis da sua culpa. N'um es-

conderijo habilmente disfarçado, Harry Taxon, que seguira á risca as ordens do mestre, encontrára um grande numero de notas falsas.

Este achado foi para Scotland Yard, sendo guardado ali n'um cofre embutido na parede, que servia para guardar objectos ou papeis de grande importancia e que tinha uma optima fechadura de segredo.

Na manhã seguinte, quando as notas deviam ser apresentadas como prova esmagadora, fez-se uma descoberta que pareceu, primeiro, inacreditavel.

Tinham aberto o cofre de Scotland Yard! O que nos annaes da historia da policia de Londres nunca se registára, dera-se agora: criminosos tinham feito do edificio da policia o seu campo d'acção e o cofre, cuja existencia só era conhecida d'alguns empregados, fora despojado das notas apprehendidas em casa do lord, que foram substituidas por outras verdadeiras.

Não podia duvidar-se de que as coisas assim se tivessem passado. As rasões eram simples: primeiro, porque o cofre secreto possuia uma disposição que marcava um numero automaticamente, sempre que lhe abriam a porta; ora da vespera para a manhã seguinte, o cofre marcara mais um numero. Além d'isso porque as notas tinham sido trocadas por outras.

Emfim, Scotland Yard tinha mais um caso sensacional a tratar.

CAPITULO III

Um homem singular

Como era de esperar, depois da experiencia brilhante feita ante os agentes de Scotland Yard, as representações de miss Velperpoole tiveram o completo agrado do publico, exgotando-se todas as noites os bilhetes no grande theatro de variedades.

Tinham passado approximadamente duas semanas depois que em Scotland Yard se dera a representação da joven artista.

Miss Velperpoole acabara de apresentar o seu numero, tendo sido extraordinariamente victoriada. Quando se retirava definitivamente de scena e ia a entrar no seu camarim, a costureira, impedindo-a de fechar a porta, entregou-lhe uma carta.

A artista fechou a porta em seguida e abriu o sobrescripto, d'onde caiu um cartão de visita, tendo impressas as seguintes palavras:

LORD MANESFORD

seguidas de duas linhas escriptas a lapis:

«desejaria conversar com miss Velperpoole, sobre assumpto profissional de interesse mutuo.»

A artista recebia diariamente cartas n'este genero e todas tinham o mesmo destino d'esta, isto é, serem rasgadas e postas de lado.

No dia seguinte, pouco depois da uma hora da tarde, a joven passeava agitada no seu quarto. A dona da pensão entrou, depois de bater ligeiramente, e entregou-lhe uma carta.

—Esse senhor pede com insistencia para ser recebido. Eu já lhe disse que a senhora não recebe ninguém, mas elle teimou em ficar, dizendo que, ao contrario do que eu suppunha, até lhe seria agradável fallar com elle.

Emquanto a mulher fallava, a artista abria o sobrescripto e extrahiu um novo cartão de visita, tendo o nome de: Lord Manesford.

—Esse senhor que entre.

A patrão desapareceu e, poucos momentos depois apresentou-se um homem ainda novo, vestindo com extrema elegancia.

Curvou-se respeitosamente, dizendo com uma voz de timbre sympathico:

—Pego-lhe mil perdões por ter ousado importunar-a, apesar de não ter recebido resposta ao meu bilhete d'hontem. Espero poder fundamentar a minha insistencia e a minha estada aqui, de maneira que estou certo que me perdoará, depois de me ter ouvido.

—Faga o obsequio de se sentar, senhor. Como ouviu da minha hospedeira, não recebo visitas e o facto de eu ter feito agora uma excepção, deve mostrar-lhe que me inspira uma certa confiança, apesar de eu não saber quaes as rasões que aqui o trazem.

—A senhora tem o direito de proceder como entende, sem precisar desculpar-se. Quando me conhecer melhor, saberá que não sou livre, tambem, de certas manias e que tenho um feito muito especial, de maneira que não tenho o direito de me admirar das exquisites dos outros.

A joven artista começou a ouvir com agrado o visitante, mas não quiz deixar-se dominar por esse sentimento e perguntou:

—Em que posso ser-lhe util, senhor?

—Para lhe fazer comprehender melhor a razão da minha visita, tenho de tocar n'um assumpto que a senhora julga de todos ignorado e que é o seu segredo.

—Que assumpto é esse?

—Sei que a senhora distribue uma grande parte dos seus ganhos como artista, que não são pequenos, por gente pobre; sei que faz visitas nos bairros pobres e que, n'esses momentos, o seu exterior não é o mesmo de sempre.

Dando inilludiveis signaes de receio, a rapariga levantou-se, exclamando:

—Quem é o senhor? Com que direito e porque razão me espiona? Pertence, acaso, á policia? Se assim é, fique sabendo que não tenho nada que occultar. Se vou até aos bairros pobres, aos bairros onde habitam criminosos e se, para fazer essas visitas, me visto d'uma forma differente, ninguém tem nada com isso, ninguém tem o direito de me espionar. Creio que podemos terminar a nossa conversa, tanto mais que preciso preparar-me para o espectáculo d'hoje.

Lord Manesford, em vez de obedecer a esta intimação, fitou a rapariga com um sorriso e replicou com a maxima amabilidade:

—A senhora tem razão n'uns pontos e n'outros não. Tem razão, quando diz que a ninguém devem importar as causas que a levam a penetrar nos bairros mais afamados de Londres, mas está em erro quando me accusa de a ter seguido e espionado; não quero já fallar da suspeita offensiva de eu pertencer á policia.

«Não andei a espional-a; um méro acaso poz-me no conhecimento do seu segredo. Supponha, por exemplo, que eu também tenho que fazer n'aquelles bairros e que, por esse facto descobri o seu segredo; não estará muito longe da verdade. Nunca eu me teria referido á minha descoberta, se não tivesse sido forçado a isso.

«Eu não sei, porém, apenas que a senhora tem visitado esses bairros, sei também a razão porque o tem feito e não posso vê-la por mais tempo esforçando-se inutilmente por descobrir o homem que anniquilou, que perdeu seu pae.

«Quanto são nobres as dádavas que faz tão abundantemente aos pobres, tanto é inutil o dinheiro que dá a esse patife do «Mastin de Soho», para elle encontrar a pessoa que a senhora procura.

«Desde que o celebre Sherlock Holmes fez encerrar a taverna d'esse monstro humano e elle se vê obrigado a esconder-se do homem a quem não escapa senão difficilmente um criminoso, o antigo taberneiro perdeu todo o poder no seu bairro. Fica com o seu dinheiro e não é capaz de a servir efficazmente. Ainda mais: a senhora procura um homem que se chama Yorik Fieldertown e o «Mastin» confirma as suas suspeitas, dizendo-lhe que esse Yorik é o principal criminoso na questão que perdeu seu pae. Ora isso não é verdade. Não foi esse homem que roubou a seu pae o grande invento, a obra de toda a sua vida, e que o vendeu depois a uma sociedade que ganha hoje milhões com esse invento. Foi outro o infame que assim procedeu e esse, que gosa com todo o socego a fortuna tão criminosamente adquirida, conheço eu.

«Yorik Fieldertown foi perseguido por Sherlock Holmes e soffreu uma morte horrivel, que merecera pelas atrocidades que cometera: morreu queimado.

«O «Mastin» sabe isso muito bem, pois elle proprio só por pouco escapou a Sherlock Holmes. Portanto, elle engana-a para poder exploral-a.

—E conhece realmente o verdadeiro culpado?

—Conheço-o e, para o perder é que estou aqui. Preciso do seu auxilio para castigar esse homem que teve uma influencia pernicioso na minha vida.

—Mas, se o conhece, porque não o entrega ás auctoridades?

—A's auctoridades?

Lord Manesford riu com ironia.

—Ha muito tempo já que não sigo o caminho vulgar e acredite que só saindo d'elle é que conseguirei vingar-se do bandido que expoliou seu pobre pae do trabalho de toda a vida.

«Pertengo a uma sociedade de homens aos quaes succedem o mesmo que a mim e que fôram altamente prejudicados, sem que as leis e os seus representantes os protegessem, de fórma que se vingam elles por sua conta.

O lord fallára d'uma fórma convincente e a artista ouvira-o com crescente attenção.

—E como procedem esses seus companheiros, senhor?

—Só lhe poderei explicar isso depois da senhora se ter resolvido a entrar para o nosso gremio.

«E garante-me, senhor que encontrarei o homem que procuro e que poderei castigal-o como elle merece?

—Dou-lhe a minha palavra de fidalgo; o nosso gremio dar-lhe-ha o que a policia não soube dar-lhe.

—E que devo fazer, para entrar para essa associação?

—Antes que lhe responda, permitta-me uma pergunta. Não é verdade que deve a sua existencia ao espirito inventivo de seu pae, morto na miseria? O instrumento que lhe faculta soitar-se de todas as algemas e prisões, abrindo todos os fechos, foi construido por seu pae?

—Assim é, senhor, foi a ultima invenção do meu pobre pae; elle julgou ganhar com essa invenção o bastante para poder depois atacar, n'um processo, o homem que o roubou.

«Apenas, porém, acabara a construcção do seu aparelho, adoeceu e morreu, sendo o seu legado esse minusculo instrumento de que me sirvo.

—E esse objecto abre, realmente, todas as fechaduras?

Esta pergunta foi feita n'um tom em que se reconhecia uma grande anciedade que, contudo, passou despercebida á joven artista, que respondeu com orgulho:

—A mim ou, melhor, ao invento de meu pae não resiste nenhuma fechadura, seja qual fór a sua construcção.

A anciedade no rosto do lord, desapareceu immediatamente e, levantando-se, o visitante accrescentou:

—Terei a honra de a esperar esta noite junto da porta de saida dos artistas, por onde costuma sair.

«Não lhe roubarei agora mais tempo; logo terá mais informações.

Antes que a joven pudesse acrescentar algumas palavras, o lord saiu.

CAPITULO IV

Enganada

A vida nocturna de Londres tinha começado. Dos theatros, circos e salões de variedades saíam milhares de espectadores que se dirigiam para os grandes cafés e restaurantes, para contentarem o estomago, depois de terem recreado o espirito.

Junto da saída do palco do theatro de variedades onde trabalhava miss Velperpoole, estacionava um trem fechado. O cocheiro apurava-se na boléa e, no passeio, de pé, achava-se o dono da equipagem. Não tiveram de esperar muito, pois a porta posterior do theatro abriu-se e miss Velperpoole saiu, envolta n'uma capa.

O lord avançou para a artista, offerecendo-lhe galantemente o braço e conduzindo-a para o trem, que se afastou rapidamente.

O cocheiro devia ter recebido instrucções especiaes. Chegada a Piccadilly, parou os cavallos e o lord apeou-se, ajudando a artista a descer.

Miss Velperpoole admirou-se de chegar tão depressa ao seu destino, mas não ousou perguntar coisa alguma, pois o lord acabara de pedir-lhe que não fizesse perguntas, dando a sua palavra d'honra que, dentro d'uma hora, estaria em casa.

Um neveiro cerrado envolvia tudo, tornando assim mais difficil de reconhecer o rosto da artista, envolto n'um espesso véu.

Tomou o braço do lord o fóram caminhando a pé até chegarem á Bond Street, a rua onde, durante o dia, as preciosas montras dos grandes joalheiros estão assediadas por uma multidão que admira as maravilhosas joias expostas. Agora, porém, a rua estava completamente deserta.

O lord parou em frente d'uma casa completamente ás escuras. Da porta d'uma loja ao lado, pertencente a um joalheiro celebre, saia um raio de luz. No centro da porta de ferro havia um pequeno orificio, que permitia ao guarda-nocturno olhar para o interior da loja, que se conservava illuminada durante toda a noite, medida de segurança esta que, em vista das preciosidades ali amontoadas, não era exagerada.

Abriendo a porta da casa de frente da qual parára, o lord afastou-se para deixar entrar primeiro a sua

companheira. Em seguida, entrou tambem, fechando rapidamente.

A artista teve subitamente a impressão de ter dado um passo irreffectivo; se não perigoso.

Inviadi-a um sentimento de pavor e, como para ter mais coragem na escuridão, exclamou em voz alta: —Para onde me leva, senhor? Que significa isto? Peço-lhe que me dixe sair immediatamente d'esta...

Não ponde continuar porque uma mão tapou-lhe a bocca, impedindo-a de fallar.

—Nem uma palavra, se tem amor á vida, segredou-lhe o lord, segurando-a pelo braço e conduzindo-a para deante.

A artista, apavorada pela forma como era tratada, calou-se e começou subindo uma escada, quasi involuntariamente, quasi sem saber o que fazia.

Não tentou resistir á pressão exercida sobre o seu espirito. Ouviu novamente a voz do seu companheiro, murmurando-lhe ao ouvido:

—Não se atreva a resistir, minha senhora, que o resultado podia ser mau. Suba com cuidado e chegamos ao fim, dizendo-lhe eu então tudo.

Quantos degraus tinha subido? Não saberia dizer, nem se estava no primeiro ou segundo andar da casa que cada vez lhe parecia mais mysteriosa.

De subito, accendeu-se uma luz e, olhando em volta, a artista viu que estava n'uma casa deshabitada, pois as paredes eram completamente nias.

—Faça o favor de entrar, minha senhora.

—Peço-lhe que me diga agora senhor, para onde me conduziu e com que fim me procurou.

«Já não acredito no tal gremio e estou suppondo que se tem estado a divertir commigo, mas olhe que não o fará impunemente porque o meu emprezario...

Um sorriso ironico aflorou aos labios do lord:

—Escusa de se affligir. Não estamos aqui para nos divertir nem temos tempo para isso. Precisamos tratar do fim que aqui nos trouxe.

—Não dou nem mais um passo sem saber o que estou fazendo aqui, exclamou a joven, indignada.

—O que faz aqui? E' então uma coisa tão difficil de adivinhar? Que está deshabitada, já a senhora deve ter compreendido, e que aqui ao lado existe uma joalheria tambem a senhora deve ter percebido, apesar de neveiro. Ora não é crível que eu tenha alugado esta casa apenas para fazer estudos sobre o luar, nem tenho apparencia, creio eu, de creatura sentimental.

«Resolvi fazer uma vizita a este sujeito aqui do lado; infelizmente, porém, o homemzinho teve a aborrecida ideia de couraçar a loja por todos os lados, pondo na porta de traz,—a unica por onde eu poderia entrar, uma fechadura que não sou capaz d'abrir.

«Este obstaculo será, porém, removido com o ins-

trumento inventado por seu pae. Eis a razão: porque se encontra aqui. Compreende agora?

A artista, ao ouvir estas palavras, recuou como se tivesse sido mordida por uma víbora.

—Cai então nas mãos d'um gatuno? E o senhor ponde acreditar que eu mancharia a invenção de meu Pae, á qual devo o meu bem estar e que assegura a minha existência, auxiliando-o na sua criminosa tentativa?

O olhar que o homem lhe dirigiu era cheio de ironia e de ameaças.

—A senhora chama criminosa á minha tentativa, e eu tenho de supportar á offensa, mas espéro fazê-la mudar immediatamente d'opinião. Hoje, na sua habitação, tive occasião de lhe manifestar quaes eram os meus principios...

—Exijo que me deixe sair immediatamente, interrompeu a artista. Não quero saber dos seus principios, quero ir-me embora.

—Não pôde então resolver-se a auxiliar-me?

—Em caso nenhum?

—Nunca!

—E' pena. Se eu tivesse supposto que assim aconteceria, que a senhora comprehenderia mal as coisas, teria escolhido outra pessoa para me ajudar e obteria o seu apparelho de qualquer forma. Infelizmente, agora é tarde de mais e a senhora já não pode recuar.

—Não posso? E' isso que vamos vêr.

Antes que o lord pudesse impedi-lo, a rapariga correu para uma janella, esforçando-se por abri-la, na intenção de gritar por soccorro.

O lord, contra a espectativa da joven, não tentou impedi-la de fazê-lo, e disse com socego:

—Então quer forçosamente passar alguns annos na prisão? Ou julga que, se for apanhada aqui commigo, ha alguém, algum juiz, que acredite o que a senhora contar?

A mão que se levantára para abrir o fecho caiu ao longo do corpo e a joven exclamou com amargura:

—O senhor é um miseravel! Mais que um miseravel; o senhor é um demonio! Que lhe fiz eu, para me collocar n'esta situação?

—Não me fez nada e eu nada lhe farei tão pouco, se for razoavel. Como deve perceber, estamos aqui por causa da joalharia. Consegui destruir todos os obstaculos entre mim e a loja; falta me apenas essa maldita fechadura, para eu attingir esses thesouros que estão ali á vista. Essa fechadura, porém zomba da minha sciencia e de todos os meus esforços, tanto mais que eu, de cada vez que posso trabalhar, só disponho d'uns minutos e, mesmo então, não me sinto á vontade e em segurança.

«Reparou, certamente, na abertura feita na porta

de ferro; por esta abertura é que olha um guarda especial, pago por todos os joalheiros do bairro, e que ronda constantemente, de forma que eu estava constantemente em perigo de ser apanhado.

«Estava já resolvido a abandonar este projecto, que é dos melhores que tenho visto, quando assisti ao seu trabalho e, por um acaso, descobri o segredo de sua vida. Formei immediatamente o meu plano.

Como receava que a senhora não concordasse com os meus projectos, resolvi enganá-la.

«Vê como tudo correu segundo os meus desejos. Compreende, certamente, que não pôde recuar e que tem de se resignar a proceder como lhe peço ou a ser presa commigo.

«Para ajudá-la a resolver-se, dir-lhe-hei que o negociante que tenciono roubar é o maior bandido que existe no mundo, tendo adquirido a sua fortuna enganando creaturas intelligentes, mas pobres, e quem roubou os seus inventos, para ir vendê-los em seguida.

«Será necessário citar-lhe o nome, se lhe disser ainda que o actual joalheiro teve em tempos um escriptorio de registo de patentes?

«Conseguiu-se inutilisá-lo, finalmente, mas antes que tal succedesse, centenas de individuos, para não dizer milhares, perderam todo o proveito do seu genio inventivo e do seu talento.

«Finalmente, os herdeiros do antigo proprietario d'esta joalharia foram expoliados e foi o antigo agente de obtenção de patentes que se installou no ninho! Aqui encontrará a senhora uma parte dos bens roubados a seu pae. Precisaréi ainda dizer-lhe o nome?

—Tunbridge? perguntou a artista ansiosamente.

—Sim, Wells Tunbridge é o nome do proprietario da loja do lado. Pôde ter esse nome, amaldiçoado por milhares de bocas, na frontaria do estabelecimento.

Apenas o lord acabara estas palavras, a joven arrancou febrilmente o véu e estendendo a mão ao seu interlocutor, exclamou:

—Para esta noite e para este acto, estou inteiramente á sua disposição. Diga: que devo fazer?

Junto do caixão de meu pae, jurei vingar-me dos que o perderam e hei-de manter esse juramento, mesmo que, para isso, tenha de cometer um crime.

CAPITULO V

A Liga dos Fidalgos—criminosos

—A! ultima hora!— Um roubo de milhares de libras!— Um assalto mysterioso!— Desapparecimento de muitas pedras preciosas!

Centenas de gargantas poderosas gritavam, não, vociferavam, uivavam repetidamente estas phrases atravez das ruas e praças de Londres.

Rarissimas vezes se tinha commetido na cidade do Tamisa um crime tão mysterioso, como o que se praticara na noite antecedente, na loja do celebre joalheiro Wells Tunbridge, na Bond Street.

Nunca houve falta em Londres de crimes e de criminosos de toda a especie e os bandidos inglezes teem disfrutado sempre da fama, pouco invejavel, de serem dos de primeira cathogoria. Contudo, um crime como o da vespera, nunca tinha sido executado.

Não era, porém o valor das pedras roubadas que tornavam excepcional este assalto, mas sim a forma mysteriosa, completamente inexplicavel como as valiosissimas joias tinham sido extrahidas dos cofres expecias de segredo onde eram guardadas durante a noite, sem que fosse possivel notar n'elles signal de arrombamento ou violencia.

O que succedera com os cofres julgados absolutamente impossiveis d'abrir, succedeu tambem com a propria loja. O que ninguém soubera até então, descobria-se agora.

O prudente joalheiro, talvez iniciado em epochas anteriores nos processos d'arrombamento, tinha feito blindar as quatro paredes, assim como o tecto e o sólo da loja, com grossas chapas d'aço. A porta das trazeiras era igualmente d'aço e tinha uma fechadura de segredo, que era uma maravilha de mechanica.

Como estava provado que a entrada não se fizera pela porta da rua, só era possivel terem entrado pela outra porta, mas como nem esta nem a fechadnra apresentavam signaes de violencia, tanto o proprietário como os empregados de Scotland Yard sentiam-se em face d'um enigma.

Sherlock Holmes tambem ficou estupefacto com o mysterio em que se envolvia todo esse negocio.

Lembrou-se immediatamente da representação particular no gabinete de sir Rowland, em Scotland Yard.

Que tinha o celebre policia respondido á pergunta do inspector geral sobre o valor do trabalho da artista?

«Se esta mulher cae em más mãos, pode ser, com a sua arte extraordinaria, o terror das auctoridades.

Como sempre succedia, em casos difficeis e complicados, Sherlock Holmes tambem fora chamado á loja de Tunbridge e recordou-se immediatamente das suas proprias palavras, ao ver as fortes fechaduras que tinham sido abertas e fechadas d'uma forma tão mysteriosa.

Estou com curiosidade de saber se esses senhores de Scotland Yard seguiram o conselho que então lhes dei e se obedeceram á ordem de sir Rowland, seguindo a artista.

Holmes viu logo que nada tinha a fazer ali, pois não podiam encontrar-se nem pégadas nem outros signaes e, por isso, afastou se, experimentando depois penetrar na loja, primeiro pela rua e, em seguida, passando pelo pateo e entrando pela porta de traz.

Como viu que tudo isso era impossivel, começou a examinar as casas proximas e, pouco tempo depois descobria o caminho que os criminosos tinham seguido.

—Não foi um, mas dois criminosos, sendo um d'elles uma mulher, murmurou.

Assim o declarou, ao voltar á loja, aos homens de Scotland Yard. O que Holmes não disse foi que encontrára no pó do sobrado da casa ao lado, que ha muito não era varrido, pégadas d'homem e de mulher, além de impressões digitais no corrimão da escada. Tambem não lhes recordou a representação dada por miss Velpoolpe, e a que todos tinham assistido.

Dirigindo-se apressadamente a Scotland Yard, soube alli que a artista continuava vigiada, segundo ordem do inspector geral, por um homem de absoluta confiança.

Holmes procurou esse empregado e soube com espanto que a artista, segundo o seu invariavel costume, saira pela porta posterior do theatro, fôra a pé até á proxima esquina mettendo-se ali n'um cab que a conduzira directamente a casa.

Saltei para o eixo trazeiro, respondeu o agente, que conhecia quem o interrogava, e fui até á casa d'essa senhora. Vi-a apear-se e entrar. Segundo as instrucções que recebera e de que não me afasto um palmo, não abandonei durante a noite o meu ponto de observação e só voltei para casa ao amanhecer, depois de Pinder me ter substituido.

Sherlock Holmes sabia que o agente, apesar de novo ainda, era um dos mais intelligentes e em quem se podia confiar cegamente.

Apesar d'isso, resolveu informar-se ainda n'outra parte.

Fôr á casa da dona da pensão onde se alojava a artista. A hospedeira estava, como succede frequentemente em Inglaterra, ao serviço da policia e, quando, Sherlock Holmes se apresentou, não oppoz difficuldades.

—Essa senhora veio hontem, com todas as noites, ás onze horas e meia para casa, dirigindo-se logo para o quarto, onde se encontra ainda, por tal signal.

Sherlock Holmes inquiriu:

—Como pôde a senhora afirmar com certeza que miss Velpoolpe não saiu durante a noite?

A dona da casa sorriu maliciosamente:

—Não posso perder noites nem tenho necessidade d'isso, pois o meu guarda não deixa entrar nem sair ninguém sem dar signal, e é incorruptivel.

—E' um cão?

—Não, senhor Holmes. O meu guarda está ali em cima.

A mão engelhada da velha senhora apontou para um canto do tecto; e Holmes percebeu imediatamente qual era o guarda de que ella fallava.

Era uma simples campainha, que não podia deixar de tocar sempre que a porta se abrisse.

—Não terá deixado de ouvir tocar a campainha, por estar a dormir? teimou Sherlock Holmes.

—Infelizmente, o meu sono já ha bastantes annos que é muito curto e muito leve; o menor ruido desperta-me e não posso tornar a dormir.

«E' a idade, senhor Holmes, é a idade!»

Para não ouvir as lamentações da velha, o celebre policia despediu-se e, chegado á rua, murmurou: —Cá estamos outra vez em face d'um enigma.

Tenho a convicção absoluta que a artista, com o mysterioso e maravilhoso instrumento que indubitavelmente possui, está implicada n'este assalto e agora dizem-me que ella nem mesmo saiu do quarto. Será possível que ella tenha cedido a alguém o extraordinario instrumento?

Quando chegou a este ponto, reflectiu um momento e voltou apressadamente á pensão, fazendo á proprietaria a importante pergunta se a artista tinha recebido visitas nos ultimos dias.

—Sim, senhor Holmes, foi a resposta, hontem esteve aqui um homem ainda novo, elegantemente vestido, que pediu para fallar a miss Velperpool e que não desistiu de o fazer, nem mesmo quando eu lhe disse que essa senhora não recebia visitas d'homens.

«Peguei na carta que elle me obrigou a acceitar e levei-a ao quarto da minha hospede, que, depois de lér o cartão de visita (pois vi distinctamente que o sobrescripto nada mais continha), me ordenou que fizesse subir esse senhor.

«O vizitante não me quiz dizer o nome.

Sherlock Holmes pediu então que lhe descrevesse com a maior clareza o tal visitante, mas a memoria da velha senhora era muito fraca, porque pouco mais soube dizer além de que era um homem novo, elegante e mesmo bonito, signaes estes que correspondiam a muitos homens que passeiam pelas ruas de Londres.

O mysterioso assalto á casa do joalheiro foi seguido em breve d'outros, tornando-se em pouco tempo diários.

Sommas enormes eram roubadas, e nunca se achava o mais leve vestigio d'uma violencia, sendo os armarios e cofres roubados encontrados no dia seguinte fechados como tinham sido deixados na vespera.

Sherlock Holmes, não se satisfazendo apenas com a vigilancia do homem de Scotland Yard, tinha ordenado ao seu ajudante que não perdesse a joven artista de vista nem um só momento, e Harry talvez

nunca tivesse tido um serviço tão aborrecido como d'esta vez, pois nunca tinha nada de novo a dizer sobre a pessoa que tão cuidadosamente vigiava. A artista saia apenas para se dirigir ao theatro, o que succedia á tarde, para o ensaio, e á noite, para a representação.

Do theatro voltava geralmente n'um cab, seguindo o caminho mais curto para casa e á noite nunca saia nem recebia visitas.

Sherlock Holmes, que não perdia facilmente a serenidade, cada vez que Harry lhe participava que não havia nada de novo; ficava mais excitado. Tinha a sensação de estar lutando contra uma inimiga terrível, pois apezar de todas as participações de Harry, não o abandonava a convicção que a artista estava implicada nos assaltos que se davam todas as noites.

—Ella juntou-se fatalmente a um bando de criminosos ou é explorada por elles; é fora de duvida que não ia dar ou perder o tal appareho.

«Não sei como ella sae de casa, mas tenho a certeza que hei-de vir a descobri-lo.

Sherlock Holmes começou tambem a espionar pessoalmente, seguindo a pessoa suspeita passo a passo, experimentando todos os meios, todas as ciladas, mandando Harry Taxon, no meio a noite, disfarçado em bofetineiro do telegrapho, entregar-lhe um telegramma; a dona da casa ia acordá-la e, realmente, a artista estava sempre no seu quarto.

Apezar d'isso, n'essa mesma noite, dava-se um assalto e roubo.

O mestre, longe de desaminar com estes insuccessos, cada vez estava mais decidido a descobrir aquelle segredo; queria vencer aquella adversaria, que trabalhava com armas ainda desconhecidas; era para elle uma questão onde a sua honra, o seu nome estavam em jogo.

N'esta altura começaram a apparecer as notas falsas e Sherlock Holmes, quando os homens de Scotland Yard já não sabiam que fazer, foi chamado para dar os seus bons conselhos. Por esse motivo, já o celebre policia não ponde dedicar a sua attenção exclusivamente aos mysteriosos assaltos e á artista, pois os falsificadores eram mais perigosos que os gatinos e a sua prisão era mais urgente que a dos extraordinarios assaltantes.

Se Sherlock Holmes só tivera insuccessos no primeiro caso, na questão dos falsificadores fora d'uma grande felicidade. O genial criminalista tinha conseguido descobrir, á força d'um trabalho sobrehumano, aquillo em que ninguém pensava: os falsificadores não se acoitavam nos esconderijos dos terríveis bairros de Soho, Whitechapel ou Blackfrair, mas sim na casa d'um homem pertencente á mais alta classe da sociedade.

Logo que Sherlock Holmes adquiriu essa convic-

ção, não descansou até obter um successo completo.

O golpe, genialmente imaginado, de fazer queimar a nota e a fôrma anciosa como lord Pembrinkboke procedera, além do achado de grande numero de notas no gabinete de trabalho, eram uma prova irrecusavel de que o lord pertencia ao bando dos falsificadores.

Poucas vezes se viu um tal espanto e uma tal desorientação, como na manhã em que o cofre foi aberto para as notas serem examinadas como corpo de delicto, e se reconheceu que as falsas tinham sido substituidas por verdadeiras.

Os jornaes occuparam-se logo do assumpto affirmando que se tinha commetido uma injustiça irreparavel accusando o lord e que a unica solução era internar Sherlock Holmes em Clarentown, (o grande hospital de doidos) e que era tempo de acabar com esse desequilibrado que, a maior parte das vezes, só obtinha successo na sua phantasia; que o facto de lhe darem a primazia sobre os funcionarios da policia official era ridiculo, se bem que esses funcionarios fossem, effectivamente absolutamente incapazes.

Estes artigos vinham publicados nos mesmos jornaes que não poupavam, em regra, os elogios e que eram os unicos culpados de que os successos de Sherlock Holmes viessem para o grande publico, pois o mestre, sempre modesto e callado, era avesso a réclames, e o seu valor seria sempre reconhecido, mesmo sem os louvores hypocrisitas da imprensa.

Sherlock Holmes importava-se pouco com os inconscientes da imprensa; muito mais desagradavel que a possivel reviravolta da chamada opinião publica, era para elle o facto de lord Pembrinkboke ter de ser posto em liberdade, com muitas desculpas e de todos ficarem acreditando que elle, Sherlock Holmes, bem como os restantes agentes, que tinham guardado no cofre as notas falsas, se tinham enganado.

Sherlock Holmes sabia perfeitamente que as notas encontradas em casa do lord eram falsas e que essas notas tinham sido subtrahidas do cofre durante a noite e substituidas por outras.

Esta certeza dava ao celebre policia uma outra convicção.

Se até agora elle tinha tido apenas uma vaga suspeita de que os assaltantes de joalharias pertencessem á melhor classe da sociedade, ficára desde este dia com a certeza absoluta.

—Os ladrões pertencem tambem ao grupo dos falsificadores. Devem possuir razões fortes para terem a perigosa audacia de assaltarem Scotland Yard, só para subtrahirem d'ali as provas que condemnariam o lord, substituindo-as por uma somma importante em notas verdadeiras. Os figurões julgam ter-me vencido mas enganam-se; agora é que vae começar a lucta.

Assim disse comsigo o famoso policia, agora tão

desprezado por todos; quem conhecia, porém, o caracter de Sherlock Holmes, sabia que estas palavras não eram ditas no ar.

CAPITULO VI

Em poder dos inimigos

No ponto em que o Tamisa, vindo de Kingstown, entra no territorio da cidade monstro, encontra-se uma velha ponte, sustentando os seus arcos massigos e peza-dos sobre fortes pilares construidos de grandes cubos de granito. E' a ponte de Kingstown, uma das mais velhas, senão a mais velha das pontes de Londres.

E' uma d'aquellas obras d'arte que tem zombado dos seculos e que parece querer resistir ainda a varios seculos mais.

O movimento por sobre esta ponte, cujos poderosos pilares assentam no meio do rio, não é grande.

E' noite.

Das torres das proximas egrejas de Londres, ouvem-se bater as onze horas e, n'esse momento, a velha ponte está deserta, deixando a iluminação muito a desejar.

Do lado da Waterstreet approximava-se um vulto embuçado a passos largos e, ao chegar á ponte, olhou cuidadosamente para todos os lados, avançou depois até ao meio do taboleiro, parou um momento e desapareceu repentinamente.

O embuçado devia ter-se escondido atraz ou ao lado da imagem d'um santo que se acha n'um nicho, n'aquelle ponto, pois d'outra fôrma não poderia explicar-se tão subito desaparecimento.

Pouco tempo depois, do lado opposto da ponte avançaram duas outras pessoas que pararam egualmente junto da estatura e, olhando para todos os lados, um dos recémvindos soltou um grito d'uma modulação estranha, imitando o grito da gaivota. Em seguida ficaram ambos escutando.

Nenhum dos dois reparou que, junto da imagem do santo se erguia alguém que os fitava com attenção.

Por tanto das aguas do rio, ouviu-se um grito identico ao que fôra soltado da ponte, respondendo novamente o homem que primeiro fizera o signal.

N'este momento a lua surgiu detraz d'uma nuvem e o luar que, durante segundos, allumiou o local, permitiu ao primeiro homem vêr que os outros dois estavam mascarados.

Que se passava, porém?

Mesmo junto do nicho, tão junto que o homem que ali se occultava tinha de sustentar a respiração para

não ser descoberto, surgiu do chão a cabeça d'um homem, sem que pudesse perceber se onde se encontrava o corpo pertencente a esta cabeça.

A superfície do Tamisa ficava, pelo menos, vinte metros abaixo da ponte, de forma que o individuo não podia estar de pé dentro d'um barco; mesmo que assim fosse um barco, não poderia aguentar-se na forte corrente que ha sempre n'aquelle sitio.

D'esse homem mysterioso partiram então as seguintes palavras:

— Quem chama?

— Um que sabe.

— E o que sabes tu?

— Sei que o ferro é ruído pela ferrugem.

— E a ferrugem?

— E' mordida pelo dente do tempo.

— Quem sois vós? perguntou ainda, depois do santo e a senha estarem bem dados, como parecia.

— Numero Sete e numero Onze, responderam ambos.

— Bem; venham então, ouviu-se dizer.

Um dos dois perguntou ainda:

— Quem está lá em baixo e quem falta ainda?

— Além de vós falta apenas o Tres; todos os outros estão lá em baixo.

A cabeça desapareceu immediatamente e um dos dois homens saltou a grade da ponte e procurou um apoio como os pés, enquanto ficava bem seguro.

Pareceu encontrar o que queria, porque largou as mãos e desapareceu, procedendo o companheiro rapidamente d'egual forma.

Apenas este partira, a pessoa que presenciara tudo occultamente, endireitou-se e espreitou por cima das grades. Não decorreu muito tempo e ouviu um ruído lá no fundo, como se um fecho batesse e se fechasse.

No silencio da noite ouviram-se novamente passos, que obrigaram o curioso a occultar-se de novo.

Approximou-se um homem alto, forte, que parou igualmente no meio da ponte olhando para todos os lados. Como não visse nada de suspeito, preparava-se para soltar o grito da gaiota e collocava já as mãos junto da bocca, para augmentar o som, quando foi impedido de fazê-lo.

No momento em que approximava as mãos da bocca, sentiu apertarem-lhe subitamente o pescoco e, puxando-o para traz, deitaram-n'o no chão.

O homem que estivera escondido junto do nicho, estava sobre elle, pondo-lhe o joelho no peito.

O ataque tinha sido tão bem e tão rapidamente executado que dos labios do recém-vindo não saiu uma só palavra. O vencedor collocou-lhe uma mordaca na bocca com admiravel rapidez, amarron-lhe os pés e as mãos com cordas e conduziu-o junto da imagem.

Chegado ali o assaltante revistou a sua victima, tirando-lhe da algibeira uma mascara negra.

Em seguida collocou-a no rosto como já se d'antemão tivesse esperado encontrá-la e começou extrahindo varios papeis das algibeiras.

Os objectos de valor não pareciam tental-o e o fim verdadeiro d'aquelle extranho assalto comprehendeu-se logo, pois o homem collocou-se no meio da ponte e imitou o grito da gaiota.

Como momentos antes, depois d'uma curta pausa, ouviu-se vindo de baixo, o grito da gaiota e quando o primeiro o repetiu, tornou a apparecer a mesma cabeça, pedindo e obtendo o santo e a senha.

— Quem és?

— Sou o numero Tres.

— Bem; podes vir.

A cabeça voltou a desaparecer e o outro homem procedeu como os antecedentes. Os seus pés em breve acharam um ponto de apoio; era um degrau d'uma escada de corda, que estava esticada e pregada aos ferros da ponte e que como o falso numero Tres poudo perceber, se dirigia para um dos poderosos pilares.

Chegando ao ultimo degrau, achou-se sobre o pilar, construido de blocos de granito.

Uma porta de ferro levadiça, que estava puxada para cima, deixava vêr uma excavação feita no pilar, que lembrava uma cave e, quando o mascarado se habituou á luz que, saindo d'essa abertura, quasi o cegava, descortinou uma escada que penetrava no pilar.

Sem grande hesitação, desceu essa escada e ouviu que a porta levadiça se fechava por sobre a sua cabeça.

O intruso penetrou então n'um pequeno espaço limitado por quatro paredes formadas pelos parallelepipedos do pilar.

Junto d'essas paredes achavam-se pessoas disfarçadas, todas de mascara negra. N'essa fila notava-se uma falta e o recém-vindo, percebendo que era aquelle o logar do numero Tres, apressou-se a occupá-o.

Ao pequeno espaço não faltava até illuminação a gaz, que era desviado d'um dos grandes tubos da canalisação municipal do gaz, que passava sob o taboleiro da ponte. N'um dos canos fora feito o buraco, d'onde partia uma canalisação para baixo.

Quando começou a habitar-se á luz, reparou em duas pessoas que estavam amarradas e ligadas como dois fardos.

Não poudo, porém, demorar-se a examiná-las, pois que, n'este momento, um dos doze homens, separou-se do grupo, avançou até ao centro do circulo e começou dizendo com voz propositadamente disfarçada:

— Senhores! O perigo de sermos descobertos, a que estivemos expostos e a que escapámos apenas pela ra-

pida e energica intervenção do nosso numero Tres, que dispõe d'um mysterioso auxilio, forçou nos a não voltar a escolher para ponto de reunião a minha casa e eu tive a felicidade de poder offerecer-lhes este novo refugio.

«Se penetrarmos n'este esconderijo sempre com a necessaria precaução e tomando as medidas recomendadas por mim para a segurança individual e geral, nada poderá succeder-nos.

«Uma traição é, bem o sabem, quasi impossivel. Só eu, como dirigente da Liga, conheço individualmente os membros e cada um dos senhores me conhece pessoalmente, sem conhecer os restantes companheiros.

«Disse-vos já, na nossa ultima reunião, que Sherlock Holmes anda na nossa pista e a scena que se passou em minha casa que os senhores conhecem, e que provocou a minha prisão veio confirmar a verdade da minha asserção.

«Se não fôsse a rapida e habil intervenção do nosso numero Tres, os senhores certamente que não me veriam aqui e o nosso grupo estaria disperso para muito tempo, senão para sempre. A Liga exprime, pois, ao numero Tres, os seus sinceros agradecimentos.

«Dar-lhes-hei immediatamente provas evidentes de que Sherlock Holmes, apesar da derrota que soffreu com o atrevido golpe commetido contra Scotland Yard, não cessou a sua perseguição contra nós.

«Ao dizer estas palavras, approximou-se dos dois corpos amarrados e encostados a um canto e arrastou-os um após outro, para o centro do circo formado pelos mascarados.

—Um d'estes patifes todos estes senhores conhecem: é o antigo taberneiro do «Mastim», que é alcunhado tambem o «Mastim de Soho.»

«Sabem que accedi ao pedido d'esse homem, que nos prestou effectivamente serviços no começo da nossa associação, e que o protegi quando Sherlock Holmes o proseguiu acerrimamente. Confesso que acreditei n'esse homem, apesar da sua pessima apparencia e do seu caracter brutal que elle não podia occultar, e é a elle que devemos a descoberta d'este esconderijo.

«Declaro-vos que me enganei e este meu erro será submettido á vossa apreciação em tempo competente. Agora, porém, temos de dar andamento a um assumpto mais grave. Disse-vos que o outro pilar da ponte era ôco como este e que fiz guardar ali a nossa machina, pois acho que é um esconderijo absolutamente seguro.

«O «Mastim pediu-me, quando fui posto em liberdade, que o deixasse occultar se ali e como é a elle que devemos o conhecimento d'ambos os esconderijos, julguei que poderia aquiescer ao seu pedido, porque elle não estava livre em Whitechapel ou em Soho, da perseguição de Sherlock Holmes e do seu ajudante Harry Taxon.

«Calculem os senhores a minha estupefacção quando, hontem, dirigindo-me inesperadamente para o nosso esconderijo, encontrei o «Mastim» conversando com o policia Harry Taxon, como se estivessem em negociações.

«Felizmente, conseguí fechal os no pilar e, com o auxilio do numero Cinco e do numero Onze, inutilizei-os.

«Aqui estão ambos, e peço-vos que resolveis o que se lhes ha-de fazer.

O chefe tornou a occupar o seu logar no círculo e, durante alguns minutos, reinou um silencio profundo. Em seguida, todos os presentes romperam n'um grito:

—A morte!

O chefe tornou a collocar-se no centro e continuou:

—Proponho que se poupe ainda durante algum tempo o ajudante do policia, porque tenho um plano pelo qual me será facil, com a ajuda do prisioneiro, apanhar tambem Sherlock Holmes.

«Concordam, meus senhores?

Antes que qualquer dos onze pudesse responder, ouviu-se lá fóra distintamente o grito da gaivota e o effeito d'este facto foi expantoso.

Não se poudo vêr se os doze homeas empallideceram, em virtude das mascaras que lhes cobriam os rostos; mas os movimentos desordenados, as palavras desconexas, os estremecimentos que os agitavam, tudo demonstrava uma excitação extraordinaria, provocada pelo signal ouvido ha pouco.

—Traição! Fômos atraigoados e estamos perdidos! Apanham-nos n'este buraco como ratos n'uma ratoeira.

Estas e exclamações semelhantes cruzavam-se; o chefe impoz silencio com voz forte:

—Senhores, se perdemos todos a cabeça, difficilmente acharemos um meio de salvação, no caso de termos sido, realmente, atraigoados, o que não quero nem posso crer. Vou lá acima e verei o que se passa. Os senhores ficam aqui, preparando ás armas para o que der e vier. Antes da minha volta, ninguém sae d'aqui. No caso d'ouvirem o signal que convençionámos para occasiões como esta, já sabem o que é e o que resta fazer. Ali ao canto encontrarão a alavanca que faz inundar immediatamente este e o outro esconderijo.

Assim dizendo, o chefe dirigiu-se para a escada e desapareceu.

Os restantes ficaram deliberando o que devia fazer-se aos prisioneiros e resolveram deixá-los simplesmente onde estavam, de forma que a agua os afogasse como ratos.

O chefe da Liga voltou novamente e, em sua companhia encontrava-se lord Mansford que, por vir sem mascara foi reconhecido por todos.

Emquanto o lord ficava parado na escada, o che-

fe entrou para o circulo formado pelos companheiros e exclamou:

—Senhores! Está entre nós um traidor. A pessoa que entrou commigo e que os senhores agora, contra os nossos principios, pôdem vêr de rosto descoberto, é um dos nossos.

No momento em que ia soltar o signal convencionado para entrar n'esse recinto, foi atacado pelas costas, amordaçado e amarrado, sendo posto em seguida no nicho do santo. O seu adversario, porém, penetrou aqui e ei-lo!

Dizendo isto, o chefe approximou-se d'um salto do numero Tres e arrancou-lhe a mascara.

Os onze homens recuaram com um grito abafado: na sua frente encontrava-se Sherlock Holmes.

A estupefacção dos mascarados durou, porem, apenas um instante. Como a um signal dado, lançaram-se todos sobre o policia que, apesar de recuar rapidamente, puxando d'um revolver, não poudo resistir á superioridade dos doze homens que o atacavam. A impetuosidade do ataque foi tal, que os tiros disparados rapidamente por Sherlock Holmes não os fizeram hesitar nem um só instante.

O policia tinha lançado por terra com um tiro um dos assaltantes e feriu mais dois mas, depois, foi dominado e os seus inimigos apressaram-se a torná-lo impotente, amarrando-o solidamente. Os ferimentos causados pelos tiros não deviam ter sido graves, pois tanto os dois feridos como o terceiro, mais fortemente attingido, e que já se levantára, ajudaram a ligar-lhe os pulsos e as pernas.

Depois de terem inutilisado todos os esforços do policia e de o terem collocado junto dos outros dois prisioneiros, os criminosos principiaram estudando a forma de se desembaraçarem dos tres homens.

O chefe deu, finalmente, a sua opinião.

—Acho que devemos lançar o mestre do pilar para o Tamisa, fazendo o mesmo ao ajudante. A corrente é bastante forte, de maneira que os corpos so apparecerão n'um ponto tão afastado d'aqui que não será para recrear que descubram o nosso esconderijo.

—E se esses malditos espiões conseguem salvar-se nadando? perguntou um dos doze.

—Já viu um homem, amarrado de pés e mãos, a nadar? Eu nunca vi, foi a resposta do chefe e nenhum protesto mais se ouviu, concordando todos na proposta apresentada.

—Pelas caretas que faz, o figurão parece querer dizer alguma coisa, disse lord Manesford, apontando para Sherlock Holmes.

Todos olharam para o policia e, effectivamente, apesar de amordaçado, a expressão do seu rosto parecia indicar que queria fallar. Antes que os restantes pudessem impedi-lo, lord Manesford baixou-se para o prisioneiro e tirou-lhe da bôca a mordaga.

—Deseja alguma coisa, senhor? Se estiver na nossa mão, far-lhe-hemos a vontade. Sei que não irá pedir-nos que o libertemos.

O senhor preocupou-se demasiadamente com os nossos negocios, profundou demais os nossos segredos e, quanto mais não seja, pelo instincto de conservação, vemo-nos obrigados a matá-lo. Tey-me em seu poder, ha pouco, sobre a ponte e, assim como o senhor me amarrou e me amordaçou apenas, poderia ter-me morto e lançado ao rio. Procedeu assim, talvez por humanidade; nós infelizmente, não estamos em situação de proceder igualmente. Temos de supprimil-o, bem comprehende porquê. Se tem algum desejo que possamos satisfazer, pôde ter a certeza que respeitaremos a sua vontade.

O lord calou-se e Sherlock Holmes replicou:

—Os senhores suppõem que, pela minha morte e do meu ajudante, se livram de serem descobertos. Se assim fôsse, eu comprehenderia as suas palavras, achando necessaria a minha morte. Ou eu ou os senhores, algum tem de morrer; é claro que não deveriam hesitar.

«Mas enganam-se; a minha morte não os favorece em coisa alguma e até tornará a sua situação muito mais difficil, porque as saídas da ponte estão guardadas e o rio, tanto a montante como a juzante da ponte, tem um cerco de policias, que nada deixarão passar atravez das apertadas malhas da rede que formaram. Se não podem voar, não tem salvação possível; seja qual fôr o caminho que seguirem, caem inevitavelmente nas mãos dos agentes de Scotland Yard.

«Até agora tem ás costas crimes de falsificação e arrombamento. Se me assassinares, bem como os dois outros, augmentam inutilmente a sua culpa, o que, verdadeiramente, não é necessario, pois os crimes que tem cometido são já bastante.

Sherlock Holmes fallara n'um tom convicente e as suas palavras pareceram fazer o desejado effecto, pois todos recuaram instinctivamente para a escada, parecendo que pensava cada um em fugir d'ali o mais depressa possível.

Foi novamente o chefe que conseguiu acalmá-os.

—Alto, senhores, nada de precipitações.

«Esse homem pode ter dito a verdade e, n'esse caso, temos de combater até á ultima, mas tambem pôde ser apenas uma astucia d'eile pois conheço-o de sobra.

—Tambem eu o conheço, lord Pembrinkboke, exclamou Sherlock Holmes. Livrou-se uma vez do castigo da justiça, mas d'esta não escapará.

—Sim? Pois bem, maldito espião, se tiver de me levar o demonio, garanto-te que não irei sem ti.

Voltando-se para os companheiros, lord Pembrin-

kboke, que era realmente o chefe da liga, ordenou com voz firme:

—Esperem-me, meus senhores, que eu vou vér lá acima se estamos, realmente, cercados.

Antes que algum pudesse contradizê-lo, o lord subiu a escada; abriu o alçapão e desapareceu.

Sherlock Holmes viu a inutilidade da sua inacreditavel presença de espirito, elle bem sabia, infelizmente, que o lord voltaria em breve, participando que não se via viv'alma, que o prisioneiro mentira, para assustar os criminosos e para se salvar da morte.

O grande policia chegara finalmente, depois de esforços infinitos, a seguir uma pista que promettia alguma coisa, e esta pista devera-a ao seu ajudante.

Harry Taxon, farto de seguir constantemente a artista, tinha pedido ao mestre a permissão de proseguir nas suas pesquisas n'uma outra direcção e Sherlock Holmes, depois d'alguma reflexão, concordara em que cessasse a vigilancia sobre a joven.

Harry Taxon começara a trabalhar segundo o seu criterio e encontrou o Mastin, porquem esteve em risco de ser assassinado; mas o astuto ajudante do policia, não só conseguiu fugir como descobriu o esconderijo do criminoso. O patife, vendo-se novamente descoberto, procedeu como procedêra já muitas vezes, offerecendo-se para atraíção os companheiros, se lhe promettessem que não seria preso nem castigado.

Harry, que sabia perfeitamente que o mestre não achava consentaneo com a sua honra pactuar com um criminoso, quando viu que o criminoso chegava áquelle ponto, procedeu por seu livre alvedrio, prometteu em nome do mestre tudo que o criminoso quiz, se bem que sabendo, que Sherlock Holmes nunca consentiria em cumprir essas promessas.

O mastin caiu effectivamente na cilada armada por Harry e atraíção os companheiros, que o tinham utilizado para trabalhos que elles mesmos não queriam ou achavam pouco proprios de serem praticados pelas suas nobres pessoas.

Fôra a isso que Sherlock Holmes devera, finalmente, obter uma pista que o conduzia á ponte de Kingstun. Sem querer reflectir nos perigos d'uma tal resolução, Sherlock Holmes passára a desempenhar o papel de lord Manesford e penetrara no esconderijo, prompto a lançar-se contra os criminosos, logo que fosse preciso.

Esta intenção seria coroada de exito, como tantas vezes, se o grande policia não tivesse sido victima d'um erro.

Segundo as informações que Harry trazia ao mestre, sem lhe querer dizer como as obtinha, não podiam ser mais de duas ou tres pessoas as que se tinham associado para o fabrico da moeda falsa e para praticarem os mysteriosos assaltos; com esses tres homens atrevia-se Sherlock Holmes a lutar, pois já

se encontrára, varias vezes, em face de tres e mais homens, e sempre vencera.

Enganaxa-se, porém. Não eram tres, mas sim doze, os criminosos e o policia tinha de succumbir fatalmente em face de tão grande superioridade numerica.

Não sabia que ia encontrar ali o seu ajudante; Harry havia dois dias que não dava signal de vida.

Da bocca do chefe da liga dos criminosos ouvira então como o seu ajudante fôra aprisionado e vira-o em poder dos inimigos. Elle proprio estava na mão dos seus terriveis adversarios e não via possibilidade de salvação.

Todos estes pensamentos lhe atravessaram o cerebro com uma rapidez de relampago. O sentimento que avassallava n'este momento o corajoso policia não era o receio da morte, que presentia proxima; o que o preocupava, o que o entristecia era um sentimento de piedade, por vér o seu ajudante n'uma situação tão desesperada.

Mas—que era isto?

Um grito horrivel se ouviu, vindo de cima.

Um sibilal incomprehensivel parte da abertura do alçapão! No mesmo momento passa sobre essa mesma abertura um colossal jacto de fogo, como se tivessem accendido lá fôra um archote gigantesco. As lampadas do esconderijo apagaram-se subitamente, ficando todo immerto em profunda escuridão.

CAPITULO VII

Um estratagemas astucioso

A senhora Middleton, dona da pensão, onde se alojava a artista, não faltára á verdade quando disséra a Sherlock Holmes que a sua hospede só saia do quarto para ir para o theatro.

A boa mulher não deu, como se vê, informação differente da do agente de Scotland Yard e da que fornecera Harry Taxon.

Nenhum d'elles suspeitava que estava seguindo cuidadosamente uma pessoa que não era miss Velper-pool.

Lord Manesford era um bandido sufficientemente intelligente para descurar o minimo detalhe que pudesse compromettê-lo.

Quando acabou o assalto é joalheria, assalto preparado d'antemão com tal minucia, que, desde que a artista quizesse prestar-lhe o seu auxilio, o successo era certo, saíram ambos de casa pelo mesmo caminho por onde tinham entrado, isto é, através a abertura feita na parede da cave da casa vazia, que o lord alugára algumas semanas antes.

«Chegados ali, saíram igualmente sem serem vistos, caminhando vagarosamente ao longo da Bond Street. Tinham esperado primeiro, atraz da porta, que o guarda nocturno se dirigisse ao outro extremo da rua. Logo que chegaram a Piccadilly Street, a artista quiz separar-se do companheiro, mas este perguntou-lhe.

—Diga-me, minha senhora, para onde se dirige?

—Para casa! Creio que mereço agora algum descanso.

—Não ha duvida; mas descansará em minha casa.

—Em sua casa? Não pense n'isso.

—Acredito que prefira o seu quarto á minha casa, infelizmente, tem de se contra fazer e acceitar a minha hospitalidade.

—Mas, porque razão, senhor?

—Porque não a deixariam entrar em casa, pois a senhora encontra-se no seu quarto desde as dez horas e meia da noite e já se acha deitada, certamente,

A artista fitou o lord como se lhe viesse subitamente a ideia de estar tratando com um louco; mas o lord, tendo visto esse olhar e comprehendendo-lhe a significação, acrescentou, sorrindo:

—Não estou louco, como parece suppor. O que digo é a expressão da verdade. A senhora não percebeu que desde o primeiro dia que se apresentou ao publico não deixou de ser vigiada pela policia; esses senhores da policia acharam provavelmente perigosa a sua arte e querem obstar, naturalmente, que a senhora siga um caminho prejudicial.

«Quando resolvei conquistal-a para me auxiliar na minha empreza, tive que contar com essa vigilancia continua, pois adquirira a certeza que a senhora não daria um passo que não fosse seguida por um agente.

«Pôde ter a certeza que a policia conhece tão bem como eu as suas visitas nocturnas a Soho e a White-chapel.

«Se eu a tivesse, pois, conduzido do theatro até ao ponto onde estivemos e se não tomasse as precauções que tomei, nós já estaríamos presos ou sel-o-hiamos logo que o joalheiro descobrisse o roubo e se queixasse.

—E por que meios julga o senhor ter impedido que isso se dê? Se eu era seguida, o que me custa a crer, como conseguí enganar os meus perseguidores?

—Já lh'o disse. A senhora saiu esta noite, como habitualmente, do theatro, dirigindo-se directamente para casa e subiu logo para o seu quarto. No caso da dona da casa ou da creada terem querido falar consigo, a senhora respondeu, atravez a porta fechada, que se achava já deitada.

—Fez-me então substituir por uma pessoa estranha, que occupa o meu quarto e finge ser eu propria?

—Uma pessoa estranha? Isso seria um perigo; a pessoa de que se trata sabe perfeitamente que a menor infracção ás minhas ordens teria como consequen-

cia um castigo terrivel e tem todas as razões para fazer quanto estiver em seu poder para desempenhar habilmente o seu papel; tenho a certeza de que não teremos razão de queixa. A manhã, achar-se ha no foyer do theatro ás horas do costume e terá occasião de ver, por um processo que hei de indicar-lhe, a sua substituinte.

Lord Manesford fallára d'uma forma tão convincente, que a artista abandonou toda e qualquer resistencia e seguiu-o sem acrescentar palavra.

Quando chegaram a casa do lord, a artista foi conduzida a um quarto elegantemente mobilado, possuindo tudo que é necessario a uma mulher de boa sociedade, dizendo-lhe o dono da casa:

—Considere esse quarto; pego-lhe, como se fosse inteiramente seu. Tem só esta porta e a chave está, como pôde ver, da banda de dentro; de resto, quero affirmar-lhe novamente que se acha em casa d'um gentleman.

Reparando no sorriso de mofa da joven, ao ouvir tal affirmação, o lord acrescentou:

—Se não estivesse muito fatigada, minha senhora, desejaria muito dizer-lhe ainda algumas palavras.

Com um gesto, a artista convidou-o a sentar-se.

Quando, uma hora depois, saiu do quarto, devia ter achado a forma de convencel-a da razão que lhe assistia de proceder d'uma forma tão contrária ás leis dos homens, pois a joven artista estendeu-lhe a mão, dizendo em tom resolutivo:

—Convenceu-me, senhor: pôde contar commigo.

Realisára-se, pois, a prophesia de Sherlock Holmes. A joven caíra em boas mãos. A restante prophesia tambem ia realizar-se.

Aquella rapariga que, com o seu numero mysterioso e inexplicavel causava o espanto das centenas de espectadores que enchiam todas as noites o theatro, ia dar ás autoridades grandes enygmata para resolver, com os quaes o proprio Sherlock Holmes teria de se occupar em vão durante bastante tempo.

Na manhã seguinte, a artista saiu da pensão, como de costume, cobrindo-lhe o rosto um espesso véu. Em seguida tomou um cab e fez-se conduzir ao theatro. Chegando á porta do palco, apeou-se, pagou ao cocheiro e penetrou no theatro.

No corredor escuro veio ao seu encontro uma mulher que, desde os pés á cabeça, envergava exactamente o mesmo vestuario, estando igualmente velada. O mesmo penteado, o mesmo chapéu, o mesmo vestido e os mesmos sapatos, tornavam-n'as absolutamente impossiveis de differenciar.

O mesmo se passou á noite, depois da artista acabar de executar o seu numero.

Foi ao camarim mudar de fato e dirigiu-se ao corredor, onde já a esperava a sua sosia. Esta saiu então, e dirigiu-se a casa, sempre seguida pelo agente.

Chegada ali, fechou-se no seu quarto, onde ficou até á manhã seguinte.

Poucos minutos depois, outra senhora saía do theatro, dirigindo-se para casa de lord Manesford, sem que ninguém d'ella suspeitasse nem a seguisse.

E era assim que, nem o agente especialmente encarregado da vigilância nem Harry Taxon tinham nada de extraordinario a communicar ácerca da artista.

CAPITULO VIII

O Mastin de Soho

Lord Pembrinkbroke, o chefe da Liga, tinha aceso-dido uma lanterna de furta-fogo antes de levantar a tampa do alcapão. Com essa lanterna queria elle examinar o espaço por baixo da ponte, nas immedições do pilar, pois o mais importante era saber se a policia já tinha tomado posições n'esse ponto.

Se assim fôsse, o criminoso não tinha illusões, tanto elle como os complices tinham caido n'uma ratoeira de onde não seria possivel sairem.

No caso contrario, haveria ainda a esperanza de se escaparem pelo lado do rio; um salto do alto do pilar para a agua, assim como o nadar debaixo d'agua, não era para elles empresa impossivel, principalmente tratando-se de salvar a vida e a liberdade.

O lord certificou-se bem depressa que não havia policia sob a ponte e, por isso, começou a subir a escada de corda. Segurando a lanterna com a mão direita, servia-se da esquerda para se agarrar á escada.

Tinha chegado quasi ao fim dos degraus e resolveu apagar a luz, para não se trahir em virtude do foco que ella projectava, quando elle escapott um pé do degrau e, instinctivamente, lançou a mão ao primeiro ponto de appoiio que se lhe offereceu. Esse ponto d'appoiio foi o cano conductor do gaz para o interior do pilar.

No sitio onde tinha sido furada a canalisação geral é onde fora soldado o grosso cano de chumbo, abriu-se um buraco, porque o tubo cedeu ao peso do lord e, no mesmo momento, o gaz que principiou saindo em grande quantidade, incendiou-se na chamma da lanterna e fez explosão.

O grito horrivel que os companheiros que tinham ficado no pilar ouviram, era o grito de morte de lord Macdonald Pembrinkbroke e, na sua vida tivera muitos crimes a pesarem-lhe na consciencia, a sua morte horrorosa representava um enorme castigo. Um corpo envolto em chammass precipitou-se no espaço, desaparecendo nas aguas lodosas da Tamisa.

Cá em cima, na ponte, continuava a grande chamma saída da canalisação, ardendo com força e vendo-se distinctamente de muito longe.

Na cavidade do pilar a desorientação era enorme; julgavam todos que se tratava d'um assalto e lord Manesford foi o unico que não perdeu de toda a cabeça.

—Subam para a ponte tão depressa quanto possivel, senhores, se não querem que os bombeiros, que virão certamente com toda a rapidez, os apanhem como ratos n'uma ratoeira.

Fizeram menção de se lançarem todos ao mesmo tempo para a escada, mas lord Manesford tornou a retel-os.

—Um depois do outro e, antes de todos, Sherlock Holmes e o seu ajudante. Chegando lá acima, atiram-se ambos á agua.

Os restantes assim fizeram e Sherlock e Harry foram levados para cima. Quando chegaram á superficie do pilar, puderam ver a causa das chammass e perceberam tambem que Sherlock Holmes pretendia enganar-os, pois se a sua ameaça fôsse verdadeira e a ponte estivesse realmente cercada, ha muito que os guardas se teriam aproximado, attrahidos pela grande chamma.

De subito, ouviram-se ao longe os signaes caracteristicos das bombas de incendio, avisando os transeuntes, para que abram caminho livre ás viaturas.

Dois dos criminosos seguraram rapidamente Sherlock Holmes e outros dois Harry Taxon pela cabeça e pelas pernas, lançando-os á agua; em seguida, alguns vultos subiram com rapidez a escada de corda e desapareceram na escuridão da noite, enquanto do lado contrario acorriam as bombas a toda a velocidade.

Mal a primeira chegára ao local do incendio, quando da agua resson um agudo grito de soccorro e um dos bombeiros disse para o chefe:

—Se me não engano, já é a terceira vez que gritam e parece-me que o som vem do rio.

Alguns segundos depois, já alguns bombeiros desciam pela margem, amarrados a cordas e esses homens corajosos conseguiram arrancar rapidamente as ondas Sherlock Holmes. O facto de lord Manesford lhe ter tirado a mordaça, esquecendo-se depois de voltar a pôr-l'ha, com a precipitação da fuga, fôra providencial, pois só a isso o celebre policia e Harry Taxon deviam a vida.

Sherlock Holmes estava ainda de posse de todas as suas faculdades quando os salvadores se aproximaram, de fôrma que ponde apontar para um sitio onde energia pela ultima vez um corpo, prestes a mergulhar para sempre. Os bombeiros conseguiram ainda deitar-lhe a mão.

Enquanto os dois policia, semy-asphyxiados, eram conduzidos apressadamente ao posto de soccorros mais

proximo, trabalhavam os bombeiros denodadamente na extinção das chamas, o que só conseguiram depois de terem fechado o gaz.

O fogo não conseguira atacar a construção de pedra, que tinha resistido a tanto temporal e a tanto embate.

Quando os homens que tinham transportado as macas ao posto de socorros voltaram ao local do sinistro, o chefe ficou muito admirado ao vê-los acompanhados pelo proprio Sherlock Holmes.

Apenas os quatro homens que carregavam com as macas os tinham collocado á entrada do posto, um dos naufragos saltara repentinamente para o chão, olhou um momento em volta e comprehendeu em seguida a situação. Esse homem era Sherlock Holmes.

Curvando-se sobre a maca que transportava Harry Taxon, reconheceu que este, apesar de não dar accordo de si, se achava com vida e tratou immediatamente de promover a sua collocação n'um leito, assistindo aos primeiros socorros que lhe foram prestados. Logo que se convenceu que o seu discipulo querido estava fora de perigo, assaltou-o de novo a preocupação do seu mister, e como sabia que um só minuto de demora podia ter grande importancia, seguiu immediatamente para a ponte.

Os bombeiros tinham apagado as chamas e preparavam-se para abandonar a ponte. Nenhum d'elles tivera a minima suspeita da existencia do esconderijo dentro do pilar e a propria policia do rio, a quem incumbia a guarda e vigilancia das pontes, tambem ignorava a sua existencia, nem de leve suppondo que os pilares eram ócos.

Obedecendo ao pedido de Holmes, o chefe dos bombeiros fez collocar escadas apoiadas ao pilar e o grande policia foi o primeiro que entrou novamente na caverna dos bandidos.

Sherlock Holmes estava convencido que não encontraria vestigios dos criminosos, mas não esperava encontrar impedida a entrada para o esconderijo.

Assim era, porém. Quando, em virtude das ordens do chefe, os bombeiros arrombaram o alcapão, o celebre policia viu que todo o interior do pilar estava inundado e o mesmo succedeu no outro pilar.

Sherlock Holmes, porém, não desanimou. Com a sua notavel perspicacia, conseguiu encontrar e fechar as torneiras que serviam para inundar os dois espaços dos pilares.

Em seguida, fez exgotar com as bombas toda a agua existente e praticou o que tanto desejava: penetrou no recinto onde estivera com os criminosos.

Foi horrivel o que se lhe deparou.

O genial criminalista estava habituado a vêr cadáveres e, comtudo, não ponde reprimir um gesto de horror ao vêr o rosto pavorosamente desfigurado do homem que ali se afogára. Esse homem era o taber-

neiro do «Mastin de Soho» que, como o lord Pembroke, tinha expiado os seus crimes com uma morte horrorosa.

Quando o outro pilar foi posto igualmente a seco, o policia encontrou o material completo d'uma typographia, installada com todos os petrechos necessarios para a fabricação de notas falsas.

Infelizmente, faltava a parte mais importante: as chapas que serviam para o fabrico das notas. O achado d'essas chapas era, porém, o mais necessario, pois emquanto estivessem em poder dos criminosos não podia impedir-se que continuassem a apparecer no mercado as falsificações.

Logo n'essa noite começaram as pesquisas, orientadas por Sherlock Holmes, para serem presos tanto o lord Mansford como o lord Pembroke, mas nada se conseguiu.

Só na manhã seguinte é que o cadaver do ultimo foi encontrado no Tamisa, horivelmente queimado.

Lor Mansford não foi encontrado em casa.

Fôra, naturalmente, avisado a tempo e desappareceu sem ser possivel encontrá-lo, assim como os restantes membros da Liga que, como não tinham tirado as mascaras, não fôra possivel reconhecer.

Apezar de todos os esforços, de todas as buscas, não se conseguiu descobrir o mysterio da Liga dos Fidalgos criminosos.

Sherlock Holmes pareceu ter desistido de se occupar por mais tempo d'este assumpto e os agentes que estavam habituados a pedir a sua cooperação em casos difficeis, debalde lhe batiam á porta: a conhecida casa da Bakerstreet continuava fechada.

E os assaltos mysteriosos, a passagem de notas falsas? Todos estes crimes persistiam com a mesma regularidade.

Os assaltantes, que não deixavam nunca após si um vestigio nem arrombavam as fechaduras, trabalhavam com igual actividade e era rara a noite que não praticavam um novo crime.

As notas falsas continuavam a ser postas em circulação na mesma quantidade do começo.

A artista continuava a ser seguida da mesma forma, pois aos proprios homens de Scotland Yard tinha occorrido a ideia de que a famosa rapariga, com a sua extranha arte, podia ter ligação com esses crimes. A artista, porém, portava-se de tal forma que nem a filha do mais recatado burguez poderia viver mais simples e honestamente.

Sir Rowland, a quem os seus agentes communicavam diariamente que nada havia de novo acerca da artista, estava d'um mau humor superior ao que os seus homens lhe tinham, até então, conhecido.

Junto da estrada que conduz de Londres ao velho palacio real de Windsor, logo ao sair da cidade, encontra-se uma pequena mas muito aconchegada hospedaria. Havia dois dias que dois novos hospedes tinham tomado alli aposentos.

Mesmo quem conhecesse intimamente Sherlock Holmes e Harry Taxon, como por exemplo, a senhora Bonnet, a velha governante da casa do policia, não teria reconhecido n'esses dois homens o mestre e o seu ajudante.

Apezar de se terem installados ambos longe da cidade, deviam ter muito que fazer em Londres, pois saiam todas as manhãs, dirigindo-se á capital e, quasi sempre, só voltavam a hora adeantada da noite.

N'essa manhã, Harry encontrava-se no quarto do mestre.

—Comprehendeste-me então perfeitamente, Harry? perguntava o policia.

—Compreendi muito bem as suas palavras, senhor Holmes, mas mentiria se dissesse que percebi o fim...

—Então não mintas e vae fazendo o que te digo, mesmo sem saber para quê.

—Bem. Tenho então de me approximar de miss Velpoole, quando ella se dirigir para o theatro e, como qualquer garoto das ruas, tenho de a bisnagar com o liquido que o mestre me entregou, mas de fórma que essa senhora não perceba a partida. E' isto?

—E' isso mesmo que eu quero e julgo que Harr? Taxon não ha-de deixar-me mal collocado.

—Pudéra! exclamou o discipulo. Quando entra a garotice em jogo, estou sempre prompto e faço tudo na perfeição.

Ao anoitecer, puzeram-se ambos a caminho para a cidade.

Quando a artista se dispunha a sair de casa para se dirigir ao theatro, tendo, como sempre, um veu escuro a occultar-lhe o rosto, um rapazito, vendedor de jornaes, como os que se encontram ás centenas nas ruas de Londres, estacionava junto da porta e offereceu os seus jornaes com tal insistencia, que a artista viu-se obrigada a afastál-os com a mão. Esse gesto fez cair ao chão o maço dos jornaes e, n'um movimento instinctivo de compaixão, a joven curvou-se para ajudar a apanhá-los, não percebendo que o garoto tirára rapidamente da algibeira uma seringa de vidro, vertendo-lhe uma porção de liquido sobre o lado direito da cabeça. Sem uma palavra de agradecimento pela ajuda que a joven lhe prestára, o rapaz afastou-se, ao mesmo tempo que a artista subia para

um cab. Nem ella, nem o cocheiro perceberam que o rapaz subira para a trazeira do vehiculo.

Quando o carro chegou á porta da entrada particular dos artistas, o garoto saltou para o chão e fez um signal imperceptivel a um homem que parara a certa distancia e que avançou immediatamente para a bilheteira, comprando um bilhete de camarote.

O vendedor de jornaes, poucos minutos depois, approximou-se igualmente da bilheteira e adquiriu igualmente um bilhete, não de camarote, é claro, mas de galeria. Em logar, porem, de penetrar no theatro, tornou a afastar-se, dirigiu-se para a porta dos artistas e entrou no palco para esse lado.

Como todas as noites, o primeiro numero da terceira parte do programma era a apresentação da celebre artista á qual nenhuma prisão, nenhuma corda, correntes ou algemas resistiam.

Antes da appareição da artista veio ao palco o seu empregario que convidou os espectadores que o desajassem a subirem ao palco, para amarrarem a artista á sua vontade.

—Se, por acaso, algumas das pessoas presentes trouxe consigo algemas, fechaduras ou cadeados de qualquer systema que sejam, peço lhes que venham e que amarem a artista á sua vontade.

O empregario retirou-se e, momentos depois, a artista pizava o palco.

Aos seis espectadores que se levantaram da plateia e que subiram ao palco, juntou-se um outro, que occupava um camarote e que lançara primeiro um agudo olhar para o rosto da artista. Não viu vestigios do liquido córante que Harr? lhe lançara sobre o cabelo e olhou para a galeria, de onde um espectador, um rapazito de jornaes lhe fez um signal com um lenço.

A joven perguntou se algum d'aquelles senhores teria trazido correntes ou algemas; o espectador que descera do camarote tirou da algibeira da sobrecasaca uma corrente fina e um pequenino cadeado e approximou-se da artista.

—Permite-me, minha senhora, que experimente se sou capaz de amarrá-la bem?

A' joven pareceu não ser desconhecida aquella voz, mas não ponde recordar-se de ter visto já aquella homem de barba branca e aspecto respeitavel; não lhe ficava, porém, tempo para reflectir e contestou immediatamente.

—Pois não, senhor. Eis os meus pulsos; experimente.

Com exprema destreza, o velho amarrou os pulsos da joven e, n'esta occasião, a artista teve repentinamente a visão do dia em que estivera em Scotland Yard e em que uma corrente igual lhe fôra posta com equal gesto nos pulsos.

Ao mesmo tempo, perceberam que o homem que estava na sua frente não era o que queria parecer, mas

Perguntando intimamente o que poderia elle querer, qual o fim porque se achava disfarçado, foi se dirigindo para o pequenino recinto limitado por velludo negro, que fazia as vezes dos dois lençoes que tinham servido em Scotland Yard. Momentos depois, reaparecia ao publico, pallida como uma morta e tendo os pulsos ainda ligados.

—Senhor, não posso arrancar esta corrente; o senhor introduziu uma porção de massa no crifício do cadeado.

—Não é preciso que se liberte, miss Velperpoole. Vae ter o incommodo de me acompanhar. Em nome da rainha, está presa.

Dando um grito de desespero, a artista caiu sem sentidos, sendo transportada em braços para fóra do palco. Poucos minutos depois foi presa junto da entrada dos artistas a mulher que substitua na pensão a artista e Sherlock Holmes tinha finalmente, a solução do enigma. Harry tinha molhado o cabelo da joven com um liquido que, poucos minutos depois, produzia manchas vermelhas. Ora a artista não tinha as taes manchas e só quando Taxon fez signal, da galeria, que tinha seguido á risca as instrucções do mestre é que Holmes subira ao palco. Tinha descoberto que eram duas e não uma mulher.

A segunda prisioneira fez immediatamente uma confissão completa e assim se descobriu tudo.

Lord Manesford permanecia ainda em Londres; tinha mudado apenas de nome, de casa e de aspecto.

Fôra elle que perdera as duas raparigas, mas não as abandonou no momento do perigo.

Não foi possivel encontrar em poder de miss Velperpoole o utensilio mysterioso que lhe servia para abrir rapidamente todas as fechaduras.

Deitára-o fóra durante o caminho para Scotland Yard ou, então, conseguiu esconder tão bem no proprio corpo esse objecto, que a apalpadeira da policia não conseguiu descobri-lo.

A artista não confessou nada e esperava, apparentemente socegada, o seu julgamento. Esse julgamento não chegou, porém, a realizar-se, pois deu-se o que ninguem julgaria possivel; a artista desapareceu da prisão, sem deixar vestigios. Da mesma forma como tinham sido abertas tantas fechaduras de cofres, foi aberta tambem a porta da cella, tendo sido fechada novamente apoz a sua saída.

Sherlock Holmes tivera razão com a sua propheticia; a joven artista provava-lhe que havia uma mulher cuja intelligencia, cuja coragem e astucia eram, pelo menos, eguaes as suas e só depois d'uma luta como o celebre policia raras vezes viveéra, é que conseguiu vencê-la.

N'outro volume diremos quaes os meios de que a artista se servia para trabalhar, bem como a maneira como o celebre policia conseguiu dominá-la, finalmente.

FIM

Ler no proximo numero:

MORTAL ANGUSTIA

Aventuras extraordinaria d'um policia secreta

OS DESEQUILIBRADOS DO AMOR

Série de romances psycho-pathológicos

(Por Armando Dubarry)

O Amor nas suas diversas manifestações, regeu, rege e regerá perpetuamente o mundo. Provam-no o estudo das civilizações antigas, os costumes, as crenças e as tradições de todos os povos até á actualidade e a nos a vida contemporânea.

E tadar as aberrações a que as paixões desvairadas conduzem os homanos, tal foi o intuito do auctor ao escrever a série de romances psych-pathologicos que subordinou no titulo geral *Desequilibrados do Amor*, e nos trouxe os vicios contra nature, o hermaphroditismo, a histeria, a depravação e assumptos analogos: são trata-los com mão de me-tre.

Dos *Desequilibrados do Amor* acha-se publicao o primeiro volume:

O Fetichista

Devido seguir-se a este interessante romance sobre uma das mais repugnantes manifestações da hybridade, os seguintes, já no prelo:

- Os Invertidos
- O Hermaphrodita
- A Histeria
- Os Flagellantes, etc., etc.

500

Preço de cada vol. edição de luxo, nitidamente impressa em bom papel

◆ REIS ◆

Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia. amador

◆ Unico rival de Sherlock Holmes ◆

¶ serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes

volumes :

- | | |
|-----------------------------------|--|
| 1 Crimes no palacio Jackson | 18 Jackson envenenado |
| 2 O osso d'uma perna | 19 Ressurreição de Jackson |
| 3 Evasio d'um malvado | 20 Sapatos de defuncto |
| 4 Crimes impunes | 21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes |
| 5 Calvario d'um assassino | 22 Mulher's policias |
| 6 Um attentado terrorista | 23 Um milhão de francos |
| 7 A creança martyr | 24 As bravatas de um Yankée |
| 8 Resgate sangrento | 25 Coração torturado |
| 9 A falsa suicida | 26 O quarto dos mortos |
| 10 Um diamna nas nuvens | 27 A cabeça cortada |
| 11 Junto da guilhotina | 28 O seredo do conde |
| 12 Jackson, em poder dos bandidos | 29 Tragado pela areia |
| 13 O cão policia | 30 A derrota dos bandidos |
| 14 O esqueleto vivo | 31 Os mysterios de Chicago |
| 15 Bandidos de casaca | 32 O subterraneo dos cadaveres |
| 16 A rainha dos apaches | 33 Por seguir uma mulher |
| 17 Duas façanhas notaveis | 34 A renuncia de Lord Jackson |

60 REIS cada volume = Serie completa, 2.000 rs.

IVRO DE LEITURA

para a 4.ª classe dos Lyceus

= 1 volume illustrado 400 rs. =

JIU-JITSU

1 vol. edição de luxo com 19 bellas

+ fotografuras de pagina +

600 reis

Colleção Artística

— Publicação mensal e illustrada das mais sensacionais novidades litterarias estrangeiras —

Volumes publicados

1. Arsenio Lupin, gatinho da alta roda, por Maurice Leblanc (Esg.). 2. O Homem Mysterioso, Guy de Téraumont. 3. O tumulo de gelo, Pierre Giffard. 4. Arsenio Lupin contra Herlock Sholmes, Maurice Leblanc. 5. Um grito na treva, Golscoorthy. 6. O Prisioneiro de Marte, G. Le Rouge. 7. O Club dos Ladrões, Henry A. Hering. 8. A Azulha ócea, (Novas aventuras de Arsenio Lupin) M. Leblanc. 9. O Homem sem rosto, Paul d'Ivoi. 10. A Virgem Vermelha, Pierre Giffard. 11. O Canhão do somno, Paul d'Ivoi. 12. Qual dos tres! grande romance policial. A. O. Green. 13. A Guerra dos vampiros, G. Le Rouge. 14. O Pirata de Ferro, Max Pemberton. 15. As tres galinas, sensational romance de aventuras! Paul d'Ivoi. 16. Kovra, a mysteriosa por Ch. Foley. 17. 813, (Novas aventuras de Arsenio Lupin) por M. Leblanc. 18. Em Férias, por Henri de Régnier. 19. O Palacio submarino, por Max Pemberton. 20. Um crime tenebroso, por A. Galopin. 21. A sombra mysteriosa, por Fergus Hume.

350 rs. Cada vol., in-4°, contendo a materia de um grosso vol., in-8°, de 300 rs. 350

Novidade Litteraria

ESCOLA DO VICIO

por Victorien du Saussay
1 vol. com capa artistica 700 rs.

LEIAM TODOS:

O conquistador de criadas

Bolante romance d'aventuras galantes

Um grosso volume com capa artistica e esplendidas gravuras 300

RENÉ EMERY

S.ª Maria Magdalena

Romance dos tempos biblicos

I A Paschoa de Formosura—II Chamas de voluptuosidade—III Moab, terra da luxuria—IV Pela senda do amor—V Beijo supremo.

1 eleg. vol., em 8.º com artistica capa

a 8 côres 700 rs.

COMO SE CONQUISTAM MULHERES

Conselhos a um rapaz

1 vol. ed. de luxo, 600 rs.

TRATADO PRATICO DE GYMNASICA SUECA

por L. C. Kumlien.

Edição de luxo, profusamente illustrada, formando um elegante vol. in-8º gr.

300 Rs.

UMA OBRA VERDADEIRAMENTE SENSACIONAL

AS MISSAS NEGRAS

Feitiços, diabruras, malefícios e sortilegios
OS AMORES E O CULTO DE SATANAZ

600 rs. Um grosso e elegante volume in-8 gr. rs. 600

A Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato
Cada numero um episodio completo

60 Rs. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA de PORTUGAL Rs. 60

É mais notavel e sensacional
♦ das novidades litterarias ♦

Edição esmerada, cuidadosamente impressa
e composta em magnifico typo

É um trabalho vasado em moldes inteiramente novos que
formará a mais completa, a mais curiosa, a mais instructiva

HISTORIA DE PORTUGAL

Desde os tempos primitivos até á actualidade

Volumes publicados:

- 1 Viriato, o heroe luso
- 2 Roma na Lusitania
- 3 Os barbaros do Norte
- 4 A invasão dos Arabes

- 5 Fundação de Portugal
- 6 O cerco de Guimarães
- 7 Egas Moniz

A seguir:

- 8 Conquista de Lisboa
- 9 Giraldo Sempavór
- 10 D. Fuas Roupinho (Milagre da Nazareth)
- 11 Tomada d'Alcácer
- 12 Rainha D. Mécia

- 13 O Bolonhez
- 14 O rei trovador
- 15 Rainha Santa Izabel
- 16 A Batalha do Salado
- 17 Ignez de Castro
- 18 A Rainha Adultera

CAROLUS DIDIER

≡ A ORGIA BIBLICA ≡

Romance passionnal, baseado na narrativa biblica

1 grosso volume, edição de luxo,
magnificas gravuras e capa artistica

700 rs.

NICK CARTER

O celebre policia americano

Aventuras extraordinarias e sensacionais do incomparavel detective

100 rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA rs. 100

Não existe um americano, seja elle quem iôr, que desconheça o nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta conhecer o rosto sympathico do mais celebre policia do mundo! O amigo mais intimo d'este famo-zo agente, o inspector Mc Clusk, o grande director da policia criminal de New York, duvida se alguma vez conseguiu ver **Nick Carter**, tal qual verdadeiramente é.

Nesta verdadeira maravilha do disfarce, n'êta incomparavel arte de se vestir, mudar de aspecto, de physionomia, de voz e de olhar, reside o segredo dos mais increditaveis exitos de **Nick Carter**. E' isto o que lhe permite arriscar-se sem que ninguém o reconheça aos mais audaciosos lances, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horribes antros onde impera a escumalha da sociedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobis orgias.

OS MYSTERIES OF NEW YORK cidade que, outr'ôra simples aldeia de pescadores, é hoje a segunda cidade do mundo, pelo tamanho, estando no caminho de tornar-se no futuro a Metropole da Terra; essa cidade na qual a vida é alegre ou triste, embz agadora ou mis-ravel como em nenhuma outra parte; onde a policia prende um ratuno de 3 em 3 minutos; um assassino de 8 em 8 horas; onde as prições abarrotam dos mais sinistros personagens; essa cidade e todos os seus mysterios conhece-os

NICK CARTER

que narra pessoalmente as suas famosas proezas cada uma das quaes, publicada em volume, fórma um episodio completo.

Volumes publicados:

O rei do crime. 2. O ninho dos ratos 3. Demonio femenino 4. O cadaver falsificado 5. O ultimo crime d- Carruthers. 6. O ranto d'um noivo. 7. Visinho mysterioso. 8. Caca aos milhoes. 9. Um plano diabolico. 10. O rei dos gatunos. 11. O rapto da duquesa 12. Historia tragica d'um suicidio. 13. Uma casa de bototo. 14. O homem da mão de ebano. 15. As joias de mr. Hickett. 16. Um electrico reigoiso. 17. No Casino de Palm Beach. 18. Uma victimã da sciencia. 19. O assassino de Fall River. 20. Aventuras d'um noicia no Far-West. 21. O. poços de petroleo. 22. O Olho do Diabo.

100 rs. O volume contendo sempre uma obra completa 100 rs.

Dr. PEDRO GUERDES

O MEDICO POPULAR

Como nos devemos tratar

Como nos devemos curar

No titulo d'este livro, acha-se sufficientemente indicado o fim a que elle visa. A sua leitura diminuirá a inquietação nas famlias, pois as doencas deixarão de lhes apparecer sob um aspecto mysterioso que se resente da falta de conhecimentos de medicina

Um volume 8° grande illustrado de 225 paginas e 1 appendice

700 reis — Elegantemente cartonado — reis 700